



Jeff Vasques é poeta, palhaço e militante da vida. Já lançou 5 livros de poesia, 1 livro infanto-adultil, e organizou e traduziu a antologia "Poesias de luta da América Latina". Seu trabalho pode ser acompanhado em www.eupassarinho.org



Lucas Bronzatto é poeta, tradutor e tem se aventurado em outras artes no Coletivo Dolores Boca Aberta Mecatrônica de Artes. Tem dois livros publicados e compõe também o Coletivo Tantas Letras! e a equipe do Slam do Grito. Publica seus poemas em www.facebook.com/cantostortos



"Estamos com o homem
porque antes, muitíssimo antes que poetas,
somos homens.

Estamos com o povo,
porque antes, muitíssimo antes
que maritacas alimentadas,
somos povo.

Estamos com uma rosa vermelha entre as mãos
arrancada do peito para oferecê-la ao povo!"

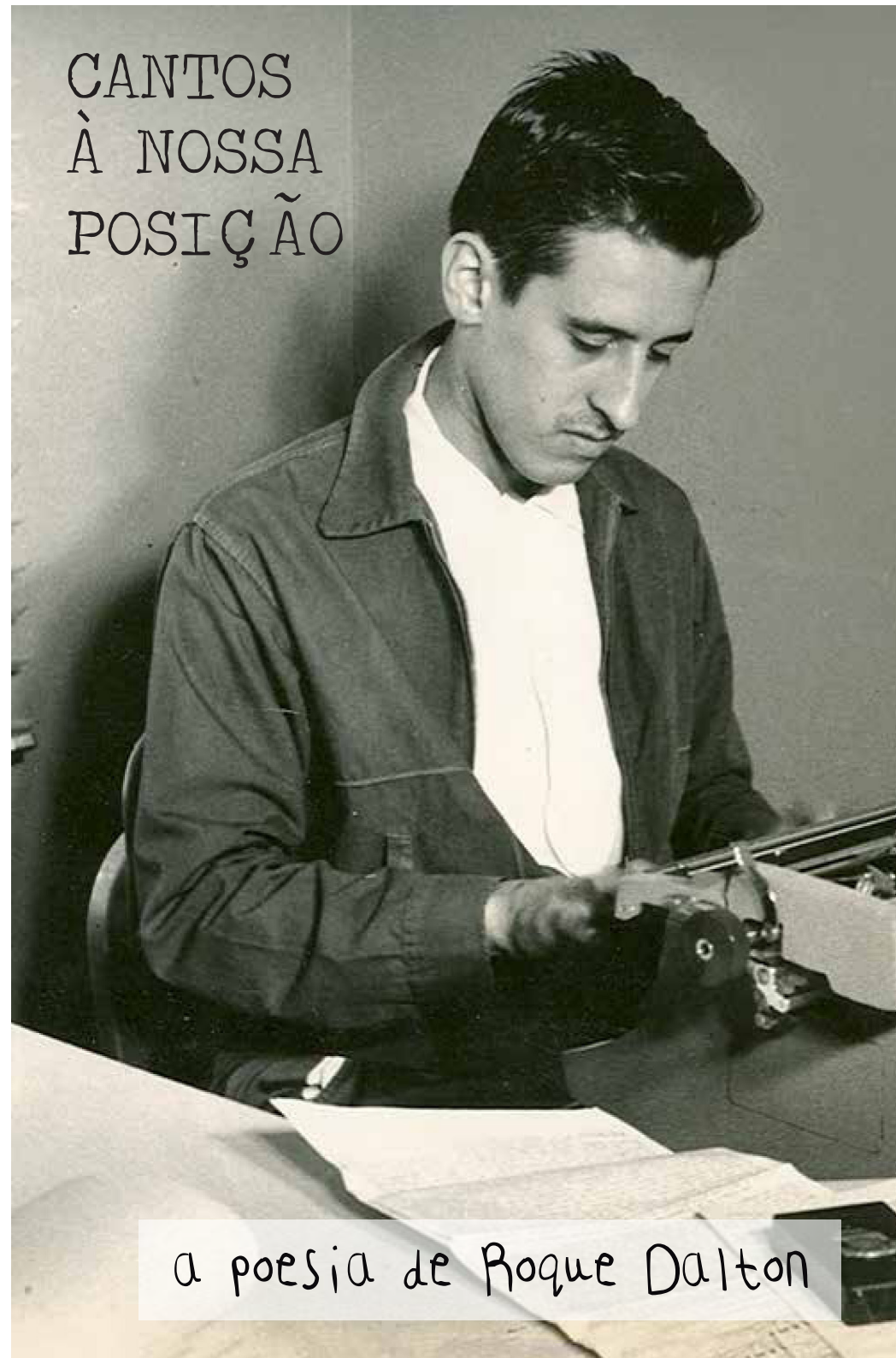
(trecho de Canto à nossa posição
de Roque Dalton)



As edições Trunca buscam resgatar,
traduzir e dar visibilidade à literatura
"apagada", "desaparecida",
"presa", "torturada", à arte revolu-
cionária de Nuestra América.

Cantos à nossa posição - a poesia de Roque Dalton (trad. e org. Jeff Vasques e Lucas Bronzatto)

CANTOS À NOSSA POSIÇÃO



"Roque é para mim o exemplo bem pouco frequente de um homem em que a capacidade poética se deu desde muito cedo mescladas com um profundo sentimento com seu próprio povo, com sua história e seu destino. Nele, desde os dezoito anos, nunca se pode separar o poeta do lutador, o novelista do combatente, e por isso sua vida foi uma série contínua de perseguições, prisões, exílios, fugas em alguns casos espetaculares e um retorno final a seu país para integrar-se à luta onde haveria de perder a vida.

Roque Dalton era um homem que aos quarenta anos dava a impressão de um menino de dezenove. Tinha algo de criança, condutas de criança, era travesso, brincalhão. Era difícil saber e se dar conta da força, da seriedade e da eficácia que se escondiam detrás desse rapaz.

Não era homem de panfletos, era homem de pensamento e por detrás e adiante e por cima de tudo isso havia sempre o grande poeta, o homem que deixou alguns dos poemas mais bonitos que eu conheço nesses últimos vinte anos. Isto é o que posso dizer de Roque e meu desejo de que vocês o leiam e o conheçam mais."

Júlio Cortázar

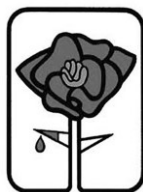


CANTOS À NOSSA POSIÇÃO

- a poesia de Roque Dalton -

organização e tradução
de Lucas Bronzatto e
Jeff Vasques

2017



trunca





Esta publicação não visa lucro, mas o fim da sociedade do capital!





ÍNDICE

Prefácio dos tradutores.....	01
Apresentação de Dalton por Claribel Alegria.....	06
Mario Benedetti entrevista Dalton.....	17
Como declaração de princípios.....	27
Como você.....	29
Canto à nossa posição.....	30
Ata.....	34
Os policiais e os guardas.....	35
Poema de amor.....	39
(As datas do cereal cheias de pólvora).....	41
Sobre nossa moral poética.....	45
Só o início.....	46
A pequena burguesia.....	47
A grande burguesia.....	48
A pátria.....	51
Todos.....	53
Lei da vida.....	55
A noite da cólera.....	56
Para a paz.....	60
Ontem.....	62
Como o cacto.....	63
(Para que deve servir a poesia revolucionária?).....	64
Para um melhor amor.....	65
Alta hora da noite.....	67
La joie de aimer.....	68





O que falta.....	69
O amor.....	70
Terceiro poema de amor.....	71
Escrito em um guardanapo	72
Não, nem sempre fui tão feio.....	73
Os burocratas.....	76
Datilógrafo	77
S.O.S (Carta que me chegou)	79
Conselho que não é mais necessário (...)	81
Miscelâneas.....	82
El Salvador será.....	83
Companheiro perene.....	84
Canção de protesto	86
Sobre dores de cabeça.....	87
Karl Marx	88
Os Direitos Humanos.....	89
Sobre modernas ciências aplicadas.....	90
Credo do Che.....	91
Maneiras de morrer	93
Velhos comunistas e guerrilheiros.....	94
(Em uma biblioteca de Pequim.....)	95
Elementos	97
Teria dito Otto René Castillo pensando em Lênin	98
O terrível.....	100
As novas escolas.....	101
De um revolucionário a J. L. Borges.....	102
Quatro pequenas histórias	
I. As palavras.....	103





II. Em 1975 eu vi a Lênin em Moscou.....	104
III. Concurso no Terceiro Mundo	106
IV. A verdade é concreta.....	108
Dialética das gêneses, crises e renascimentos.....	110
As aspirações (mínimas e urgentes) de um leninista latino-americano	111
Lógica revi.....	113
Alguém levanta a mão.....	114
As formosas caixinhas.....	119
Retrato (D).....	120
Eu queria.....	121
Arte poética.....	123
América Latina.....	124
Carta a Nazim Hikmet.....	125
Poemas da última prisão	
I. (De novo a prisão, fruta negra).....	128
II. Preparar a próxima hora	128
VII. Sua companhia.....	130
VIII. Seu cheiro.....	131
IX. Má notícia num pedaço de jornal	132
A arte de morrer.....	133
Por que escrevemos.....	134
À poesia.....	136
 Posfácio	
À Roque (Mario Benedetti).....	137
Roque (Eduardo Galeano).....	140







PREFÁCIO DOS TRADUTORES

Talvez os amigos e amigas mais próximos me perguntarão por que Roque Dalton. Mais especificamente por que é dele e não do Mario Benedetti a primeira antologia traduzida de um poeta latinoamericano que organizo. Se eu carrego esta admiração imensa pelo Mario há anos, há muito mais tempo que qualquer outro poeta, e compartilho-a nos saraus, na internet, nas mesas de bar, nas epígrafes de meus poemas, nos presentes para amigos, se conheço muito mais de sua vida e sua obra do que do Roque, se chorei sua morte como se fosse a morte de um amigo próximo, por que então começar pelo Roque?

A primeira resposta que me vem à cabeça é uma sensação que tive quando comecei a ler o *Un Libro Rojo para Lenin* (Um Livro Vermelho para Lenin) no começo desse ano, de que o Roque é um poeta necessário para nossos dias. Depois de um golpe e depois de tantos anos de um governo baseado na conciliação de classes, um poeta que se autodeclara inimigo da burguesia talvez tenha muito a nos dizer. Em tempos de tantos discursos vazios de ação, também parece importante ouvir a voz daquele que não só dizia que era um “poeta inimigo”, mas agia como tal.

Roque fala de um lugar que poucos poetas falam. Não apenas sob o risco de ir para as câmaras de tortura e cárceres, mas cara a cara com os ninhos de metralhadora comandados pela burguesia. Uma trincheira verdadeira. Um lugar de descrença profunda na via institucional, eleitoral, que pode provocar reflexões em tanta gente da esquerda brasileira que esteve e está iludida crendo que este é o único



caminho possível de mudança – e ordenador de todos os outros caminhos.

Um lugar no meio das montanhas, preparando-se para tomar a cidade, escrevendo, mesmo com a convicção de que o que era mais necessário em seu tempo e lugar eram *boa pontaria, resistência física e facas de caça*. Dilemas que outros e outras poetas compartilham, ontem e hoje. Talvez Roque manteve o ofício da escrita por entender que *as unidades guerrilheiras transbordavam poesia*. Como se verá nesse livro, os poemas refletem uma trajetória de inquietações e críticas à sociedade e também às formas de organização política, que o levam ao caminho da luta armada. É possível que estas muitas fases do Roque “sirvam” para muitos de nós nos entendermos na luta social, e questionarmos também nossos caminhos.

Durante o processo de mergulho em sua obra, que eu e o Jeff fizemos, mais crescia essa sensação de que o Roque tem muito a dizer pra nós, brasileiros. Em meio aos golpes que se seguiram depois do golpe, a cada poema novo que lia, que me arrebatava, sentia vontade de fazer um panfleto com ele e ir entregar nas estações de trem, fazer cartazes, músicas, gravar os poemas em áudio, vídeo e difundir por aí. Mas mais ainda de sair às ruas, tomar o que é nosso das mãos daqueles que *efetivamente têm tudo que o que perder*, dar nome aos bois e enfrentar os inimigos. Esta antologia é também uma materialização, tímida, dessas vontades. Feita com essa urgência e com uma esperança ingênua de que se mais e mais pessoas lerem essas páginas inflamáveis algo maior aconteça. Porque este não é livro pra ficar na estante, é um livro feito pra ser gritado. Nas ruas, nas escolas, nas



praças, nos centros comunitários, nos locais de trabalho. A poesia de Roque Dalton tem silêncios que só são preenchidos na luta.

Sobre a afetividade e a afetação com o Roque, tem uma história curiosa, que antecede e talvez tenha sido a semente deste “Cantos à nossa posição”. Eu e o Jeff éramos amigos de internet, e já trocávamos ideias sobre traduções e sobre nossos escritos, e eu fui para um casamento de dois amigos em Campinas. Em um dado momento foram chamados a um palco improvisado algumas pessoas para fazer um som junto com o noivo, e um dos nomes que foi anunciado foi o do Jeff. Estávamos no mesmo casamento e nem sabíamos. Foi assim que nos conhecemos pessoalmente e passamos a estreitar as parcerias para as traduções dali em diante.

A curiosidade é que neste dia eu levava dois poemas do Roque no bolso. A cerimônia do casamento foi conduzida por amigos do casal e alguém me pediu pra levar algum poema pra ler. Minha intenção era escrever alguma coisa, mas não consegui escrever nada, e recentemente tinha comprado um CD do Roque lendo seus poemas, e ouvi lá o “Escrito em guardanapo”, que fala de um casamento de camaradas. Traduzi, mudando algumas coisas e separei pra levar. Juntei a ele o “Defesa da Alegria”, do Benedetti, e também o “Como você”, que conheci através do Eupassarin. Acabei lendo os poemas no meio do samba, mais pro final da festa, alta hora da noite, com taças alçadas e pernas já a ponto de cambalear. Bem Roque Dalton.

Devo ter lido o Roque pela primeira vez através do Eupassarin, aliás. Seu nome já pairava por meus ares, pois o



Benedetti falava bastante dele, mas acho que nunca tinha parado pra ler. E aqui cabe destacar a importância deste blog que o Jeff montou há uns anos, e que vem sendo a expressão de sua pesquisa belíssima de tradução de poetas combatentes latinoamericanos e do mundo. O Jeff vem garimpando com maestria esses e essas poetas, que pelos muros impostos pelo imperialismo e por tantos outros motivos não chegam aqui no Brasil. Eu, quando descobria algum poeta novo, procurava no google traduções, e lá estava o link pro Eupassarín. Na maioria das vezes a única tradução existente. O Eupassarín também nos é necessário. Não vejo outra palavra pra definir este trabalho. Necessário. Este livro é um novo passo nessa história da página e da pesquisa, um passo com mais uma perna. Ou melhor, mais uma asa, de outro passarinho. E muitas outras virão, ainda mais agora que o Jeff vai rodar pela América Latina e garimpar muito mais. Que alegria, e ao mesmo tempo que responsa dar este novo passo, as Edições Trunca, com o Roque. Ressuscitá-lo outra vez.

Roque is not dead. Hace frío sin ti pero se vive. Essas duas frases junto a um Roque Dalton punk feito em stencil estão em alguns muros de El Salvador. No lugar onde dizem que o Roque foi assassinado, numa das regiões áridas de seu país, muitas “siemprevivas” florescem. Parece que Roque está nas ruas, nas pedras, onde sempre esteve. E é lá que queremos que este livro esteja.

Agradecidos, te saudamos, Roque, por ajudar-nos a servir nesta dura e larga luta do povo e a reafirmar que poesia e luta são inseparáveis.

Lucas Bronzatto



Me sinto profundamente contemplado (e emocionado) pelas palavras do querido Lucas, compa de poesias e lutas. Se escrevo, aqui, é apenas para reforçar a felicidade desse nosso encontro e do nascimento das “Edições Trunca”. Benedetti, o grande poeta uruguaio, lançou em 77, em Cuba, uma das primeiras antologias de poesia de luta das Américas, chamada “Poesia Trunca”. Continha a poesia “interrompida” de poetas “interrompidos”, “desaparecidos”, assassinados pelas ditaduras orquestradas em toda América pelo imperialismo estadunidense.

“Edições Trunca” nasce desse mesmo desejo de Benedetti: dar visibilidade a essa literatura revolucionária, tão apagada de nossa história e tão pouco conhecida no Brasil. E não haveria melhor poeta para começar essas edições do que Roque Dalton, pra mim, o maior poeta de luta deste último século em nosso continente, aquele que mais intensamente viveu as contradições da luta e da arte revolucionárias de seu período histórico, forjando-se como grande lutador, grande poeta, um ser humano imenso, fazendo da poesia arma, riso, estudo, crítica, auto-crítica, canto intenso de amor à vida dos que mal vivem, esses cantos à nossa posição que reunimos aqui.

Há muitos motivos para celebrar: a bela parceria com o Lucas, o nascimento das “Edições Trunca” e a apresentação à militância brasileira da primeira antologia de Dalton em português. Que venham tantas outras antologias. Que mais e mais artistas assumam sua posição nas trincheiras! Vamos, eu, Lucas, você, pouco a pouco, resgatando, reerguendo nossas bandeiras!

Jeff Vasques



APRESENTAÇÃO DE ROQUE DALTON

Há escassos 20 anos depois de sua trágica e sem-sentido morte, os complexos fatos da vida de Roque Dalton foram todos encobertos - ou em muitos casos esclarecidos e definidos - pelo mito. Mesmo entre os amigos mais próximos é quase impossível falar de Roque sem cair num lusco-fusco verbal: superlativas e anedóticas exagerações.

Sua prolífica produção artística, interrompida aos 40 anos, se mantém como um artefato monumental: testemunha sua tortuosa jornada através do século XX, revelando sua contraditória e dialética relação de amor e ódio com o país de seu nascimento - El Salvador - dentro e fora do exílio, e ilustrando sua profunda convicção de que o poeta pode e deve, em sua vida como em seu trabalho, servir como o preciso bisturi da mudança, em palavra e ato, quando ele vive numa profundamente injusta e estagnada sociedade.

Primeiramente, vamos tomar o mito ao redor de seu inegável nascimento em San Salvador no ano de 1935. Seu pai, um dos membros dos irmãos fora-da-lei Dalton, depois de uma carreira de roubar bancos, desapareceu do Kansas e se estabeleceu em El Salvador com sua fortuna. Ele investiu em plantações de café e se tornou ainda mais rico sem nunca ser importunado pela lei. Ele deixou a Roque seu sobrenome e uma educação jesuítica. A mãe de Roque foi uma enfermeira cujo salário sustentou a família de forma decorosa, mas Roque aprendeu sobre as diferenças de classes ainda jovem - na verdade, durante seu primeiro dia no jardim da infância em Santa Teresita del Niño Jesus, e eu cito:



*...onde eu dei
meus primeiros passos na sociedade
cheirando ligeiramente a merda de cavalo:
"Caipira!" Roberto me chamou
no primeiro dia de aula
na seção infantil,
e ele me deu um duro empurrão...*

Seu nascimento ilegítimo e seu status de excomungado numa escola de crianças ricas nutriu seu ressentimento, e estes foram sem dúvida as causas determinantes da postura desafiadora que Roque assumiu da adolescência em diante. Ele era o mais inteligente de sua turma e foi escolhido como orador na formatura. Ele tirou vantagem da ocasião para endereçar uma ácida reprovação contra a hipocrisia dos instrutores jesuítas que como escravos suportavam os desaforos da maioria rica na escola e toleravam, se não ativamente encorajavam, a miserável discriminação dos estudantes aos seus irmãos em Cristo que, justamente, nasceu pobre, ou fora do matrimônio.

Depois de um ano na Universidade de Santiago, Chile, Roque retornou à Universidade de San Salvador em 1956, onde ele ajudou a fundar o Círculo Literário Universitário, pouco antes dos militares tocarem fogo no prédio. No ano seguinte, Roque viajou para o Festival da Juventude de Moscou e em seu retorno ingressou no Partido Comunista. Ele foi preso em 1959 e de novo em 1960, eis as acusações contra ele nessa última ocasião: "Ele formou células vermelhas entre trabalhadores, estudantes e camponeses, incitando estes últimos, particularmente, a protestarem e empregarem violência contra os donos de terra..."



Mais uma vez o mito intervém. Roque não foi julgado ou sentenciado em qualquer corte civil, mas - de acordo com a lenda - ele foi sentenciado a ser executado por um pelotão de fuzilamento. No dia anterior à execução da sentença - 26 de outubro de 1960 - a ditadura do Coronel José María Lemus foi derrubada por um golpe de estado e a vida de Roque foi salva. Ele passou o ano de 1961 no exílio no México, escrevendo muito de sua poesia mais jovem: "A janela no rosto" e "O turno do ofendido". Ele dedicou esse último livro ao chefe da polícia de El Salvador que preencheu as acusações contra ele: "Ao General Manuel Alemán Manzanares, quem, por garantir severa punição para mim, me brindou com o maior elogio da minha vida, apesar de que, para falar a verdade, foi um pouco exagerada."

Roque, refletindo sobre essa fase de sua vida, escreveu mais tarde: "Meu atual trabalho foi tão insignificante que ele nem era mencionado nas fichas policiais: General Manzanares retificou um vácuo real em minha vida. Eu fiz um solene juramento que, desse período em diante, eu mesmo iria providenciar provas contra mim nos julgamentos. Por essa razão eu escolhi minha atual profissão"

A ambigüidade da última frase é reveladora. Roque considerou a poesia como uma profissão? Naturalmente! Era uma paixão que ele cultivava com intensidade profissional. Mas na frase anterior ele fala sobre fornecer "as provas contra mim para o juiz", e claramente, dado o contexto, ele não estava se referindo ao juiz de uma poesia em um concurso. Obviamente, quando escreveu essa dedicatória, Roque considerou-se revolucionário profissional. E - claro - um poeta.



Roque conseguiu uma união perfeita entre esses dois chamados. Sua ética pessoal e estética, forjada na realidade incandescente de El Salvador, produziu um ser humano cuja conduta em sua vida pessoal e em sua poesia era una. A auto-zombaria salvou-o de cair sempre na pose sagaz e grandiloquente que freqüentemente acompanha o fervor revolucionário. Que ele estava perfeitamente consciente do gesto que ele fazia de sua vida é evidente em um de seus últimos poemas epigramáticos, "Arte Poética" (1974):

Poesia

*me perdoe por ajudá-la a entender
que você não é feita só de palavras.*

Roque já era revolucionário militante quando a revolução cubana (janeiro de 1959) produziu tremores sísmicos na consciência social de todos os latino-americanos. Deve ter sido uma experiência extraordinária para um poeta de vinte e quatro anos ver suas convicções revolucionárias justificadas, e ainda mais para Roque, quem não só expressou suas convicções, mas agiu de acordo com elas, tendo sido já condenado à morte.

Depois de por fim ao seu exílio mexicano em dezembro de 1961, Roque gravitou naturalmente por Havana, Cuba, onde ele recebeu uma calorosa recepção dos escritores exilados cubanos e latino-americanos que se reuniam na Casa das Américas. Cuba revolucionária ofereceu aos jovens poetas latino-americanos a oportunidade incomum de publicar suas obras, e Roque tomou vantagem total disso. Seu primeiro livro, "Mía junto a los pajaros", foi publicado em El Salvador em 1958, e o segundo, "La ventana en el rostro" apareceu no México em 1961. A partir de então,



começando com "*El Mar*" e "*El turno del ofendido*" em 62, quase todo o seu trabalho poético, bem como muito de sua prosa, foi publicado em Cuba.

Mas Roque não só escreveu poesia e ensaios literários durante esse primeiro período em Cuba; ele também recebeu treinamento militar para se preparar para seu retorno a El Salvador. Deve-se lembrar que isso ocorreu durante o tumultuoso período pós-revolucionário, quando não só Fidel Castro e Che Guevara, mas também muitos outros revolucionários da América Central e do Caribe estavam confiantes de que a revolução cubana estava destinada a desencadear uma série de convulsões revoltosas (com uma pequena ajuda de Fidel) em toda a área. Roque retornou clandestinamente a El Salvador no verão de 1965 para continuar seu amor amargo por sua pequena pátria e retomar o trabalho político que tinha sido interrompido por sua prisão e exílio.

A clandestinidade naqueles dias não foi tomada muito a sério e dois meses depois da sua chegada, o destino interveio para manter a lenda crescente de Roque. Um dia, Roque estava entediado e, com o poeta Italo López Vallecillos, ele foi ao bar da Niña Concha, onde os melhores mariscos e a cerveja mais gelada de San Salvador foram feitas. Ele ainda estava lambendo a espuma do lábio superior quando dois policiais à paisana entraram e o prenderam. Ele foi mantido incomunicável, torturado, interrogado e ameaçado pela CIA, e mais uma vez condenado à morte.

Roque esperava execução na prisão de Cojutepeque quando o destino, desta vez sob a forma do terremoto de 1965, interveio uma vez mais para adicionar mais uma fantástica estória ao seu lendário dossiê. O terremoto quebrou a parede externa de sua cela e Roque foi capaz de



atravessar os escombros de pedras e argamassa e escapar com pernas trêmulas e alguns arranhões. Ele entrou no meio de uma procissão religiosa que passava na frente da prisão quando o terremoto veio - outro milagre menor - e seus colegas conspiradores o contrabandearam para fora de El Salvador. Ele voltou para Cuba e, poucos meses depois, o Partido o enviou a Praga como correspondente da Revista Internacional: Problemas de Paz e Socialismo.

Roque e eu nunca coincidimos no tempo ou no espaço. No entanto, nos correspondemos frequentemente ao longo dos anos, e tivemos um número de amigos em comum. Foi Roque quem iniciou o intercâmbio durante a época em Praga de 1965 a 1967. Eu estava morando em Paris naquela época, e nós dois compartilhávamos a mesma nostalgia pela nossa distante - e no caso de Roque, proibida - pátria. O estranho sobre suas cartas era que elas apenas abordavam periféricamente a política e a poesia. Em vez disso, elas foram preenchidas com relatos cômicos do cotidiano em Praga e, acima de tudo, sobre tudo que tinha relação com um salvadorenho cozinhando. Durante meses, trocamos receitas de pratos quase impossíveis de preparar na Europa, e especialmente em Praga, por falta de ingredientes certos. Como poderia duplicar a misteriosa alquimia de "gallo en chicha", por exemplo, ou recriar o aroma sutil de "pupusas de loroco"?

Ele passou por Paris uma vez quando não estava lá e perguntou sobre mim quando ele foi visitar Júlio Cortázar. Aurora, a primeira esposa de Júlio, disse-me mais tarde: "Ele tem uma expressão estranha e inquietante: sinto que ele vai encontrar uma morte trágica". "De jeito nenhum", eu disse a ela, "Roque tem mais vidas do que um gato".

Alguns anos depois, quase cruzamos caminhos em



Cuba. Foi em 1968, e fui convidada pela Casa das Américas para servir como juiz em seu concurso de poesia. O meu avião demorou três dias por falta de peças de reparação, e amigos em comum me contaram que Roque foi ao aeroporto três dias seguidos com flores para me receber. Quando eu finalmente cheguei lá, ele foi enviado para uma parte remota da ilha em uma missão misteriosa. Durante as próximas semanas ele me bombardeou com uma série de pequenos papéis dobrados - mensagens que ele tinha rabiscado em momentos livres e enviou por amigos que estavam retornando a Havana. Estes quase sempre foram entregues para mim na hora do almoço na sala de jantar. Eu lembro que um deles dizia: "Nós realmente somos demais, Claribel. Aqui estou eu, o filho de um gringo, e você é casada com outro."

Anos depois no México, muito depois da morte de Roque, Eraclio Zepeda, um dos seus grandes amigos, me jurou que Roque assegurou-lhe que dancei a rumba e o samba incomparavelmente bem e que eu lhe ensinei a dançar o samba. Esta fantasia maravilhosamente daltoniana me inspirou a escrever um poema.

Na cena internacional, os anos 1960 foram um período de refluxo para os revolucionários latino-americanos. De Praga, Roque contemplou o fracasso dos movimentos de guerrilha na Guatemala, Nicarágua, Colômbia e Peru e ouviu falar sobre a morte do Che Guevara na Bolívia. A teoria foquista que surgiu do sucesso da revolução cubana foi totalmente desacreditada por essa cadeia de catástrofes e os militantes de esquerda latinoamericanos elaboraram autocríticas e se envolveram em debates amargos e divisórios sobre um novo ponto de partida para a revolução em cada país. Durante este período, Roque nunca perdeu a



convicção de que a revolução em El Salvador só poderia surgir através da luta armada. Essa visão o separou do salvadorenho Partido Comunista que manteve uma linha oficial de "legalismo" e "acumulação de força". Nem o "objetivo" nem as condições "subjetivas" para um levante popular existiam em El Salvador naquele momento, e Roque decidiu apostar em um pequeno grupo de revolucionários guatemaltecos que mais tarde se tornaria o núcleo do Ejército Guerrilheiro dos Pobres (EGP). Sua ausência misteriosa quando eu visitei Cuba em 1968 foi devido a um segundo período de treinamento militar.

Seu livro, "Taverna e outros lugares", refletindo sobre sua longa estadia em Praga, ganhou o Prêmio de poesia Casa de las Américas em 1969 e estabeleceu Roque, aos trinta e quatro anos, como um dos melhores poetas jovens da América Latina. O projeto de guerrilha da EGP não amadureceu até 1972, então Roque se juntou ao pessoal da Casa das Américas e passou os próximos cinco anos trabalhando lá, na agência de notícias Prensa Latina e para a Radio Habana, enquanto continuava a publicar outros livros de poesia e uma ou outra monografia ocasional.

No início da década de 1970, o espírito revolucionário começou a ganhar impulso em El Salvador, e Roque procurou a admissão nas fileiras clandestinas das Fuerzas Populares de Libertação (FPL). Seu líder, Comandante Marcial, recusou-o, dizendo que seu lugar nas fileiras revolucionárias era como poeta e escritor marxista, e não como soldado. Qualquer um familiarizado com a militância apaixonada de Roque e com sua longa convicção de que um poeta revolucionário não poderia permanecer à margem, mas tem que participar ativamente da luta, poderia ter adivinhado que ele iria ignorar esse conselho. E foi o que fez. Ele entrou em



contato com outra organização de guerrilha, o Ejército Revolucionário do Povo Indígena (ERP) que aceitou sua oferta de alistamento.

Outro pré-requisito para a transição do intelectual e do poeta para o guerrilheiro clandestino foi a submissão à cirurgia plástica. Seu nariz aquilino, as orelhas de abano e o rosto comprido e longo eram muito familiares para os salvadorenhos para que ele passasse despercebido. Afinal, ele só havia sobrevivido dois meses de clandestinidade em 1965 antes de ser pego. Ele emergiu da clínica com as orelhas dobradas, bigode grosso, óculos com armação tortuosa, outro penteado e uma testa mais alta: o exemplo perfeito de um jovem executivo empresarial sério.

Roque entrou em El Salvador disfarçado e com documentação falsa no final de 1973. Ele desapareceu no submundo de clandestinidade hermética. Durante os próximos dezoito meses ele escreveu poemas clandestinos. Como pessoa, Roque irradiou uma vitalidade exuberante que iluminava cada um dos vários aspectos de sua vida: a sua poesia, sua sensação despiedada de autocrítica, sua vontade revolucionária, sua curiosidade inextinguível, sua necessidade de saber e explicar o mundo complexo e contraditório para o qual se mudou.

Uma das conseqüências desta vitalidade foi a sua produção prolífica: dezoito volumes de poesia e prosa antes de sua morte prematura aos 40 anos. Outra era sua aparente impaciência em revisar e retrabalhar seus poemas. Apesar do fato de que muitos de seus epigramas são tão polidos e duros como um diamante, tem-se a impressão de que eles não foram refletidos e pacientemente aperfeiçoados, mas que eles simplesmente passaram em sua cabeça, e ele os anotou, provavelmente na parte de trás de um envelope





ou talvez em um guardanapo de bar e encheu o bolso da camisa. Reencarando seu trabalho, não se pode evitar a sensação (iluminada, sem dúvida, pelo conhecimento expost-fato do que estava por vir) que ele era um escritor com pressa; que, de alguma forma, sabia que seu tempo era contado, e que ele teve que aproveitar cada momento, seja qual fosse a atividade em que ele estava envolvido.

Uma constante em seu trabalho é o seu contínuo avanço no domínio da forma, o seu progresso em direção a um uso sempre mais direto da linguagem e seu diálogo tenaz com a Musa da Poesia, a quem ele consultou, repreendeu e elogiou até, finalmente, em "Taberna", ele explodir:

*Ah, poesia de hoje:
com você é possível dizer tudo.*

Quando escreveu poemas clandestinos, ele ganhou a autoconfiança de um amante triunfante que cortejou e ganhou suas musas gêmeas: poesia e luta revolucionária.

Apesar da grande confiança com que ele gerenciou seu instrumento poético e o otimismo revolucionário com o qual ele viu o futuro, as coisas não estavam indo bem dentro de sua própria organização, o ERP. Roque insistiu na necessidade de forjar vínculos com as incipientes organizações de massa que prometiam se tornar um poderoso fator político no país. Uma facção militar, por outro lado, com uma estratégia de golpe de estado de curto alcance, o acusou de traição tentando dividir a organização. Foi esse grupo que o condenou à morte, executando-o em 10 de maio de 1975, quatro dias antes do quadragésimo aniversário.

Ironicamente, esse ato monstruoso precipitou a divisão do



ERP, a Resistência Nacional (RN) se separou para criar ainda outra organização político-militar. E não só isso, a política de Roque de forjar elos entre as organizações político-militares clandestinas e as organizações de massas abertas veio a ser a linha aceita para todos os principais movimentos revolucionários.

A morte sem sentido de Roque fechou o círculo do mito e da lenda que o cercou desde o início. Para os revolucionários latinoamericanos, Roque se converteu em um mártir e sua reputação literária cresceu à medida que seu trabalho póstumo foi publicado.

Foi Roberto Armijo que me telefonou de Paris - nós morávamos em Maiorca - para me dar a notícia chocante da morte de Roque, balbuciando versões confusas de como aconteceu, já que, a princípio, ninguém sabia a verdade.

Na mesma noite, enquanto tentava com toda a minha força compreender o incompreensível e aceitar essa irreparável perda que, em certa medida, todos nós sentimos, eu disse a meu marido que gostaria de ler para ele alguns poemas de Roque para me sentir mais próxima dele. Peguei o "El turno del ofendido" da prateleira, abri aleatoriamente e o primeiro verso em que meus olhos se concentraram era o seguinte:

"Quando você souber que eu morri, não diga meu nome..."

À medida que as lágrimas brotaram nos meus olhos e pararam a minha voz, pensei: Sim, Roque, seu patife, é claro que é você: o materialista imaterial que me enviou do além túmulo outro de seus pequenos papéis.

Claribel Alegria

(1924, poeta, romancista e jornalista de El Salvador, uma das principais vozes literárias da América Central)





MARIO BENEDETTI ENTREVISTA DALTON

Abaixo, segue um trecho de um histórico encontro entre Mario Benedetti e o poeta-guerrilheiro Roque Dalton. Essa conversa se deu em Cuba em 1969, ano em que a Casa das Américas (instituição cultural revolucionária que se formou logo após a revolução cubana) premiou Roque. O trecho se refere, especificamente, à relação entre o artista/poeta e o processo revolucionária, a militância e a arte.

MB: Pelos fragmentos que conheço de teu livro, e pelo que agora me contas, vejo que poderia ser considerado como poesia comprometida. Pois bem, que sentido você dá ao compromisso?

RD: Me parece que para nós, latinoamericanos, chegou o momento de estruturar o melhor possível o problema do compromisso. No meu caso particular, considero que tudo que escrevo está comprometido com uma maneira de ver a literatura e a vida a partir de nosso mais importante labor como homens: a luta pela liberdade de nossos povos. No entanto, não devemos deixar que este conceito se converta em algo abstrato. Eu creio que está ligado com uma via concreta da revolução, e que esta via é a luta armada.

Neste nível, entendo que nosso compromisso é irreduzível, e que todos os outros níveis do compromisso teórico e metodológico da literatura com o marxismo, com o humanismo, com o futuro, com a dignidade do homem, etc., devem ser discutidos e ampliados, a fim de aclará-los para quem vai realizar praticamente esse compromisso em sua



obra e em sua vida; mas em nós, escritores latinoamericanos que pretendemos ser revolucionários, o problema do compromisso de nossa literatura deve concretizar-se em uma determinada forma de luta.

MB: Dentro dessa acepção, que lugar deixas àqueles autores que escrevem contos fantásticos, ou contos realistas não referenciados em uma concreta realidade política, e que em sua atitude pessoal têm por outro lado uma militância?

—RQ: Não creio que este problema se resolva a nível de gêneros. Um combatente revolucionário pode fazer magnífica literatura imediatista, e inclusive panfletária se lhe dá vontade ou se as necessidades da luta cotidiana assim o exigem; mas também serve à revolução se é um excelente escritor de ficção científica, já que a literatura, entre outras funções, cumpre a de ampliar os horizontes do homem. Na medida em que o povo pode captar os significados, últimos ou imediatos, de uma grande literatura de ficção, estará mais próxima de nossa luta, e mais se é capaz de analisar a alienação que o inimigo lhe impôs.

Por isso não vemos razões para apresentar a obrigação de que o escritor militante se reduza genérica ou tematicamente a uma linha muito estreita. É melhor que partamos do outro extremo, ou seja, de sua atitude ante a luta revolucionária. Uma vez que este problema está resolvido, o assunto dos gêneros e do rumo literário servirão para enriquecer a linha revolucionária que escolheu em sua vida. Por outra parte, e tal como o cita a última declaração do comitê de colaboração da revista Casa das Américas, na luta de classes se cumpre também o papel de arrebatrar à burguesia o





privilégio da beleza, como o sustenta Regis Debray. No terreno literário, as relações entre a militância e a literatura como resultado da criação de um revolucionário, só podem ser positivas.

Há outro terreno no qual poderia haver conflito, é a nível ideológico. Na medida em que, através da literatura, se apresentassem ideologicamente posições que estivessem em contradição com a militância revolucionária, se originaria um conflito do qual não tem culpa a literatura como tal; se trataria na verdade de um problema ideológico do escritor. Aí é onde cabe situar o problema das famosas “desgarraduras” entre o poeta e o militante político, quando ambos são a mesma pessoa. “Desgarradura” é um termo que se forjou para ocultar que se trata de um problema ideológico; se querem seguir chamando assim, terão que dizer que se trata de uma desgarradura ideológica, e que, portanto, deve solucionar-se a nível ideológico.

MB: Em teu caso pessoal, houve conflito entre tua militância política e tua qualidade de escritor?

RQ: Em alguma ocasião me perguntaram isso e meio rapidamente respondi que não. O que quis dizer é que para mim foi possível estruturar minha obra poética no seio de uma vida de militância política, ou seja, que me acostumei a escrever na clandestinidade, em condições difíceis. Mas evidentemente existe outro nível. Tive conflitos quando tive problemas ideológicos. Cada vez que experimentei uma “desgarradura”, foi porque se me apresentava uma contradição entre uma posição política e uma posição ideológica expressada em minha literatura. Na medida em



que pude superar minhas debilidades neste terreno, dei passos adiante; na medida em que os pude superar, tenho ainda conflitos.

Há uma série de aspectos da revolução, muitos deles planejados em escala mundial, frente aos quais eu possivelmente não tenho conceitos muito claros, e por isso sinto que me afetam; mas, como te dizia antes, são questões que podem absolutamente ser resolvidas no plano ideológico.

MB: Como sabe, há tempo que me preocupam os problemas derivados das relações entre o intelectual e o socialismo, entre o escritor e a revolução. Muitas vezes julgamos essa relação na base de prejuízos pequeno-burgueses e com um conceito liberal de certas palavras-chave; também em outras épocas foram propostas como soluções certos métodos relacionados com o estalinismo. Pessoalmente creio que a verdadeira solução não está em nenhum desses projetos. Quicá devamos criar uma nova relação entre o escritor e a revolução. Ou acaso inventá-la. Gostaria de conhecer tua opinião sobre isto.

RD: Bem, você parte da realidade concreta que nos exigem definições. Por um lado, prejuízos pequeno-burgueses que se interpõe entre o escritor e as instituições do socialismo, entre o artista e a revolução no poder; e por outra parte as metodologias destinadas a resolver este tipo de relações, que outorgara o estalinismo no passado. Creio também que você usou uma palavra justa para fazer a proposição: falou de inventar novos métodos e novos conteúdos na relação do escritor com o socialismo institucionalizado.



Pois bem, se trata de um trabalho muito amplo, que deve ser de invenção comum, na qual participem os criadores, os homens de cultura, o Estado, as instituições do socialismo, mas todos em relação com o povo, que em definitivo é o destinatário último e o produtor primário de toda a matéria cultural, em cuja elaboração não somos senão intermediários. Nas grandes perspectivas desta invenção não devem se interpor proposições segundo as quais os criadores sejamos simples ditadores de velhas opiniões, nem tampouco que se introduzam por algum resquício os métodos estalinistas que sentaram jurisprudência para resolver determinados problemas neste terreno.

A questão é verdadeiramente profunda e tem relação com os fins últimos da revolução. Na atualidade há que dar particular importância a este problema; todos estamos obrigados a participar em sua solução, assim como a iniciar a discussão com um novo estilo, dispostos a chamar os problemas por seu nome e a não perder jamais a objetividade. Devemos fazê-lo com um critério revolucionário, marxista, científico, apegado à experiência histórica e às perspectivas concretas do futuro, tal como se trabalha quando se planeja uma safra, a abertura de um novo ramo industrial ou as relações internacionais de um Estado. Entendo que podemos ver estas possibilidades com otimismo. Em nossos países, sobretudo no lugar de onde o socialismo se encarnou realmente em nosso hemisfério (me refiro a Cuba), se abrem reais possibilidades de uma instauração de novas relações e de inventá-las com audácia (precisamente a audácia foi uma característica desta



revolução), com o olhar posto na América Latina, já que Cuba é o início da revolução latinoamericana.

MB: Você mencionou a dimensão histórica, e também a audácia da experiência cubana. Me parece que se a essa audácia agregamos uma modéstia verdadeira por parte do criador, talvez encontremos os elementos para resistir a duas das mais perigosas tentações de que padece hoje o intelectual: ser fiscal da história ou ser vítima dela.

RD: Você tocou em um problema importante. Nós, os intelectuais, teríamos que nos lançar a elaboração do novo tipo de relações entre o artista e a revolução, com absoluta consciência desse tipo de perigos. A última experiência histórica nos demonstra que, precisamente por nossas debilidades ideológicas, por nossos resquícios pequeno-burgueses, pelo tipo de sociedade na que estamos imersos e que tanto nos deformou, tratamos de preservar nossa individualidade até territórios que contradizem as raízes mesmas de nossos ideais humanistas.

Que se passou aos grandes poetas que se converteram em fiscais intocáveis da vida pública, ou aos escritores que, em nome de uma suposta liberdade intocável, tratam de converter-se em vítimas da história? Por mais comovedoras que possam nos parecer suas situações, devemos reconhecer que um a um foram caindo e terminaram por incorporar-se, muitas vezes contra seu desejo, à grande indústria do espetáculo editorial, do grande show editorial que, por trás de sua aparência luminosa, tem interesses concretos que podem responder ao inimigo.



Quando uma personalidade que maneja os problemas da consciência, da história, da cultura, e que muitas vezes foi porta-voz de grandes inquietudes de nossas massas, quando um poeta a quem o povo lhe deu seu calor, cai na indústria do espetáculo a que aludo, se converte de imediato em um elemento a mais da alienação de nossas massas populares e por tudo isso passa a cumprir um trabalho histórico francamente negativo, reacionário. Nenhum de nós está livre de cair nesse risco, e por isso a vigilância sobre nós mesmos e sobre nossos companheiros deve manter-se, em um sentido revolucionário, por mais que os evidentes erros cometidos no passado por parte de instituições de estados socialistas nos ponham muitas vezes em guarda contra certas palavras.

Estamos entre revolucionários e deixaríamos de sê-lo no momento em que entregássemos as armas da crítica; mas não simplesmente como escritores, senão também como cidadãos de um país, como revolucionários. Ademais, como escritores, temos direito à crítica, e a apresentar os problemas no nível que seja, e com a profundidade que nos imponha nossa consciência. No entanto, devemos estar vigilantes com respeito à outra situação: sejamos responsáveis ante nós mesmos desses perigos que você assinalou, na medida em que estivermos dispostos a não nos ofender por chamar-nos servidores de nossos povos. Se há escritores a quem lhes parece humilhante servir ao povo, francamente não vale a pena que falemos deles.

MB: Assim como dizíamos que convém estudar a relação entre o escritor e o socialismo, dentro de um estado socialista, creio que também deveríamos estudar os



problemas derivados da presença de um escritor revolucionário dentro de uma sociedade capitalista, ou seja, dentro de um mercado de consumo.

RD: Quando apontávamos que um escritor inserido em um país socialista pode cair na tentação da indústria mundial do espetáculo editorial, ou seja, na indústria que persegue a alienação das massas populares, estávamos assinalando um perigo real, mas também excepcional. Por outro lado, o escritor que trabalha no mundo capitalista vive imerso numa situação presidida por um grande aparato que em geral está a serviço da ideologia do inimigo, e por isso corre o risco de converter-se em sua vítima imediata. Ainda o escritor que se rebela, ainda o escritor que é digno de seu papel e luta contra a alienação, pode ser uma vítima desse aparelho e ser iludido em diferentes níveis.

MB: Algo assim como uma “operação sedução”.

RD: Ou uma “operação suborno”, que inclui manobras destinadas a dotá-lo de uma boa consciência apesar das concessões que pouco a pouco se lhe podem arrancar. Tudo está destinado a um fim último: assimilá-lo ao grande aparato de alienação, montado contra nossas massas populares.

MB: O mero feito de neutralizá-lo não é acaso um bom dividendo para o inimigo?

RD: Desde cedo, neste aspecto o inimigo exerce uma ação cotidiana, custosíssima, que se manifesta em todas as ordens da vida cultural: edições luxuosas, excelente propaganda do



livro, glória efêmera, a possibilidade de converter-se em um tipo de prostituta intelectual, muito bem paga, ou num palhaço simpático a serviço dos interesses mais inconfessáveis, ainda que às vezes, nos melhores e mais inocentes dos casos, não se tenha consciência disso. O que me produz preocupação é que tais manobras de sedução alcancem a muitos de nossos companheiros e que estes não advirtam que ao cair na falta de seriedade, na palhaçada, ou nas concepções diretas do inimigo, estão contribuindo a criar nos povos a imagem de que ao intelectual só lhe interessa a frivolidade, a publicidade, as baboseiras.







COMO DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS

Seja qual for sua qualidade, seu nível, sua fineza, sua capacidade criativa, seu êxito, o poeta para a burguesia só pode ser:

SERVENTE,
PALHAÇO ou
INIMIGO

O palhaço é um servente “independente” que maneja como ninguém os limites de sua própria “liberdade” e que um dia chegará a repreender o povo com o argumento de que a burguesia “sim tem sensibilidade”. O servente propriamente dito pode ter libré de lacaio ou de ministro ou de representante cultural no estrangeiro, e inclusive pijama de seda para entrar na cama da distintíssima senhora.

O poeta inimigo é antes de mais nada o poeta inimigo. O que cobra seu pagamento, não em bajulações nem em dólares mas sim em perseguições, cadeias e tiros. E não só vai carecer de libré e de fraque e de trajes noturnos, como também vai ficar cada dia com menos coisas, até que tenha somente um par de camisas remendadas, mas limpas como a única poesia.

Parafraseando a Althusser, diremos que ele que “instruído pela realidade esmagadora e os mecanismos ideológicos dominantes, em constante luta contra eles, capaz de



empregar em sua prática poética – contra todas as 'verdades oficiais' – as fecundas vias abertas por Marx (proibidas e obstruídas por todos os preconceitos reinantes), o poeta inimigo não pode nem pensar em realizar sua tarefa, de natureza tão complexa e requerida de tanto rigor, sem uma confiança invencível e lúcida na classe operária e sem uma participação direta em seu combate.”

(Roque Dalton, texto de abertura do livro
"Histórias e Poemas de una Lucha de Clases".)





COMO VOCÊ

Eu, como você,
amo o amor, a vida, o doce encanto
das coisas, a paisagem
celeste dos dias de janeiro.

Também meu sangue ferve
e rio pelos olhos
que conheceram o brotar das lágrimas.
Creio que o mundo é belo,
que a poesia é como o pão,
de todos.

E que minhas veias não terminam em mim
senão no sangue unânime
dos que lutam pela vida,
pelo amor,
pelas coisas,
pela paisagem e pelo pão,
pela poesia de todos.



CANTO À NOSSA POSIÇÃO

a Otto René Castillo

Nos perguntam os poetas de pavorosos bigodes,
os acadêmicos empoeirados, amigos das aranhas,
os novos escritores assalariados,
os que suspiram para que a metafísica dos caracóis
lhes cubra a imoralidade:

Que fazeis vós de nossa poesia açucarada e virgem?
Que, do suspiro atroz e dos cisnes puríssimos?
Que, da rosa solitária, do abstrato vento?
Em que grupo os classificaremos?
Em que lugar os enquadraremos?
E não dizemos nada.
E não dizemos nada.
E não dizemos nada.

Porque ainda que não digamos nada,
os poetas de hoje estamos em um lugar exato:
estamos
no lugar em que nos obrigam
a estabelecer o grito.
(Ah, como dou risada dos antigos poetas
obstinados em vender seus olhos
e em besuntar de pétalas e de passarinhos famélicos
a corcunda da dor desconcertante
que se monta sólida
em cima do ombro positivo universal
desde o primeiro amanhecer e do primeiro vento,
e que se esqueceram do homem)
Estamos



no lugar exato que a noite precisa
para ascender à aurora.
(Muitos poetas inclinaram suas insônias antigas
sobre a fácil almofada azul da tristeza.
Construíram cidades e astros e universos
sobre a anatomia medíocre
de um ninho de manequins cristalinos
e exilaram a voz elementar
em planos altíssimos, desnudados
da raiz vital e da esperança.
Mas se esqueceram do homem)
Estamos
no lugar onde se gesta definitivamente
a alegria total que se atará à terra.
(Ai, poetas,
Como pudestes cantar vergonhosamente
as abstratas rosas e a lua brilhante
quando se caminhava paralelamente ao litoral da fome
e se sentia a alma sepultada
de baixo de um vulcão de chicotes e cárceres,
de padrões bêbados, de gangrenas
e de obscuros desperdícios de vida sem estrelas?
Gritastes alegria
sobre um amontoado de cadáveres,
cantastes a plumagem mimada
e as cidades cegas
à toda sorte de tísicas amantes;
mas se esqueceram do homem)
Estamos
no lugar onde começa o estaleiro
que vai inundar os mares com sorrisos lançados.
(Ai, poetas que esqueceste o homem,



que esqueceste
como doem as meias rasgadas,
que esqueceste
o final dos meses dos inquilinos,
que esqueceste
o proletário que ficou na esquina
com um bocejo eterno inacabado,
cheio de balas e sem sangue,
cheio de formigas e definitivamente sem pão,
que esqueceste
as crianças doentes sem brinquedos,
que esqueceste
o modo de tragar das mais negras minas,
que esqueceste
a noite de estreia das prostitutas,
que esqueceste os choferes de taxi vertiginosos,
os ferroviários
os operários dos andaimes,
as repressões assassinas
contra o que pede pão
para que não se morram de tédio
os dentes na boca,
que esqueceste
todos os escravos do mundo,
ai, poetas,
como me doem
vossas estaturas inúteis!)

Estamos no lugar em que se encontra o homem.
Estamos no lugar em que se assassina o homem,
no lugar
em que os poços mais escuros se submergem no homem.





Estamos com o homem
porque antes muitíssimo antes que poetas
somos homens.
Estamos com o povo,
porque antes, muitíssimo antes que maritacas alimentadas
somos povo.
Estamos com uma rosa vermelha entre as mãos
arrancada do peito para oferecê-la ao homem!
Estamos com uma rosa vermelha entre as mãos
arrancada do peito para oferecê-la ao homem!
Estamos com uma rosa vermelha entre as mãos
arrancada do peito para oferecê-la ao Povo!
Estamos com uma rosa vermelha entre as mãos
arrancada do peito para oferecê-la ao Povo!





ATA

Em nome de quem lava roupa alheia
(e expulsa da brancura o sebo alheio)
Em nome de quem cuida de filhos alheios
(e vende sua força de trabalho
em forma de amor maternal e humilhações)
Em nome de quem habita um domicílio alheio
(que já não é ventre amável mas sim uma tumba ou cadeia)
Em nome de quem come pães amanhecidos alheios
(e ainda assim mastiga-os com sentimento de ladrão)
Em nome de quem vive num país alheio
(as casas e as fábricas e os comércios
e as ruas e as cidades e os povos
e os rios e os lagos e os vulcões e os morros
são sempre de outros
e por isso estão aí a polícia e a guarda
protegendo-os de nós)
Em nome de quem o único que tem
é fome exploração doenças
sede de justiça e de água
perseguições condenações
solidão abandono opressão morte
Eu acuso a propriedade privada
de privar-nos de tudo.



OS POLICIAIS E OS GUARDAS

Sempre viram o povo
como um montão de costas que corriam pra longe
como um campo para deixar cair com ódio os cassetetes.

Sempre viram o povo com o olho de ajustar a pontaria
e entre o povo e o olho
a mira da pistola ou a do fuzil.

(Um dia eles também foram povo
mas com a desculpa da fome e do desemprego
aceitaram uma arma
um cassete um salário mensal
para defender os que causam fome e os que desempregam).

Sempre viram o povo aguentando
suando
berrando
levantando cartazes
levantando os punhos
e também dizendo-lhes:
"Cachorros filhos da puta o dia de vocês vai chegar!"

(E cada dia que passava
eles acreditavam ter feito um grande negócio
ao trair o povo do qual nasceram:
"O povo é um monte de fracos e sem vergonhas -pensavam-
que bem fizemos ao passarmos para o lado dos vivos e dos
[fortes]").



E então era só apertar o gatilho
e as balas iam da margem dos policiais e guardas
contra a margem do povo
assim iam sempre
de lá pra cá
e o povo caía sangrando
semana após semana ano após ano
quebrados seus ossos
chorando pelos olhos de mulheres e crianças
fugia espantado
deixava de ser povo para ser tropel vermelho
desaparecia na forma como cada um se salvava
para sua casa e, logo, nada mais,
só os bombeiros lavando o sangue das ruas.

(Os coronéis acabavam de os convencer:
"É isso homens -lhes diziam-
duros e à frente dos civis
fogo com o populacho
você também são pilares uniformizados da Nação
sacerdotes de primeira linha
no culto à bandeira ao escudo ao hino aos próceres
à democracia representativa ao partido oficial e ao mundo
[livre
cujos sacrifícios não esquecerá a gente decente deste país
ainda que hoje não possamos subir vosso salário
como é nosso desejo").

Sempre viram o povo
franzido no quarto das torturas
pendurado
espancado



fraturado
inchado
asfixiado
violado
furado com agulhas nos ouvidos e nos olhos
eletrocutado
afogado em urina e merda
cuspidado
arrastado
soltando fumaça em seus últimos restos
no inferno da cal viva.

(Quando caiu morto o décimo Guarda Nacional.
Morto pelo povo
e o quinto cabo foi esmagado pela guerrilha urbana
os cabos e os Guardas Nacionais começaram a pensar
principalmente porque os coronéis já mudavam de tom
e a cada fracasso jogavam a culpa
nos “elementos de tropa tão moles que temos”).

O fato é que os policiais e os guardas
sempre viram o povo de lá pra cá
e as balas só caminhavam de lá pra cá.

Que pensem muito
que eles mesmos decidam se é muito tarde
pra buscar a margem do povo
e disparar dali
ombro a ombro
junto conosco.



Que pensem muito
mas, enquanto isso,
que não se mostrem surpreendidos
nem ponham essa cara de ofendidos,
hoje, quando algumas balas
começam a chegar até eles vindas deste lado
de onde segue o mesmo povo de sempre
só que a esta altura já estufa o peito
e traz cada vez mais fuzil.





POEMA DE AMOR

Os que ampliaram o Canal do Panamá
(e foram classificados como “rolo de prata” e não como “rolo
[de ouro”¹],

os que repararam a frota do Pacífico
nas bases da Califórnia,
os que apodreceram nas prisões da Guatemala,
México, Honduras, Nicarágua,
como ladrões, como contrabandistas, como caloteiros,
como famintos,
os sempre suspeitos de tudo
(“Me permito absolver-lhe pelo assassinato
por se tratar de um desocupado suspeito
e com o agravante de ser salvadorenho”)²,
as que encheram os bares e bordéis
de todos os portos e capitais da zona
(“A gruta azul”, “O Shortinho”, “Happyland”),
os semeadores de milho em plena selva estrangeira,
os reis das páginas vermelhas³,
os que nunca ninguém sabe de onde são
os melhores artesãos do mundo,
os que foram costurados a bala ao cruzar a fronteira,
os que morreram de malária
ou das picadas de escorpiões e das barbas amarelas⁴
no inferno dos bananais,
os que choraram bêbados com o hino nacional
debaixo dum ciclone do Pacífico ou da neve do norte,
os agregados, os mendigos, os maconheiros,
os salvadorenhos filhos de uma grande puta,
os que apenas e somente puderam regressar,
os que tiveram um pouco mais de sorte,



os eternos sem-documentos,
os fazem-tudo, os vendem-tudo, os comem-tudo,
os primeiros a sacar a faca,
os tristes mais tristes do mundo,
meus compatriotas,
meus irmãos.

1: Na construção do canal do Panamá, os índios e negros (que ganhavam segundo padrão "silver roll") recebiam menos e viviam em piores condições do que os trabalhadores brancos ("gold roll").

2: Esses versos fazem referência ao julgamento de um policial que teria matado um "esquinero sospechoso" (desocupado suspeito), retratando a conversa no tribunal entre ele e o juiz.

3: Os que mais aparecem nas páginas criminais dos jornais.

4: Uma cobra venenosa bem comum na América Central.



I

As datas do cereal cheias de pólvora
de sangue cheias de luto saturadas

Vigiada pupila da cólera
levantada no osso da espiga e dos homens

Venha a nos o fuzil da vingança!
Venha a nos a linhagem da faca!

Na garganta empurrai-nos a areia
das palavras até ontem caladas
nos olhos as lágrimas que faltam
e a vermelha esperança na metade do coração!

Canto povo a angústia
de seu pequeno pão iluminado
os insepultos olhos de seus mortos
a casa de sua sede
a fresca chama de suas veias abertas

Alce também a flor sua ira
o círio funeral sua ira
os anciões sua ira os garotos
sua ira as mães
as esposas sua ira

Cheira a orvalho

Perto está a manhã nessa terra



II

Creio no povo todo poderoso
criador da verdade escondida nas coisas
no operário seu único filho nosso senhor
que foi crucificado ao nascer
e obrigado a viver diante da sepultura
desceu aos infernos da fome
subiu aos céus duros da luta
e está de pé à gloriosa esquerda da esperança
de onde julgará com iracúndia aos mortos e aos mortos.

Creio no sonho na concreta alucinação dos homens
na comunhão dos miseráveis com os punhos alçados
na imperdoabilidade da opressão
na ressurreição do amor
e na vitória da vida para sempre.

Assim seja.

III

O Camponês

Peço os olhos da ira
peço a luz do pão
peço as lendas da pólvora
peço a sede da semente
peça a lava da música
peço a coragem dos mortos
peço a vitalidade da seiva



peço o receio dos pássaros
peço a agressividade do espinho
peço a obstinação da pedra
peço o otimismo da água
peço os ódios da noite
peço o recordatório da fome
peço a benção do facão
peço a fé da viola
peço o consolo do barro
peço a força do ar
peço a ajuda da estrela
peço a alegria do fogo
peço as palavras do luto
peço a solidão do beijo
peço a fraternidade da flor
peço a entrega da espiga.

Peço o futuro enfim peço a vida
e o amor e o amor e o amor

IV

Terra de El Salvador

Terra de El Salvador mãe nossa
e mãe de nossas raízes mais antigas:

vive para nós
que temos o corpo rodeado de esperança
agora que chegou a hora da luta gigante
para coroar de mel seu antigo ventre móvel





gerador do pão
destruidor cândido da morte

e na hora da manhã
quando junto de suas mãos deposite a aurora
sua paisagem de luz definitiva

Os camponeses e operários
são convosco

Bendita sois vós
entre todas as terras da terra

bendito seja o sulco e a semente

bendita a gravidez mineral e a água

bendito seja o pão

bendito aquele que o come sem grilhões



SOBRE NOSSA MORAL POÉTICA

Não confundir: somos poetas que escrevemos
a partir da clandestinidade em que vivemos.

Não somos, portanto, cômodos e impunes anonimistas:
de cara estamos contra o inimigo
e cavalgamos muito perto dele, na mesma pista.

E ao sistema e aos homens
que atacamos com nossa poesia
com nossa vida lhes damos a oportunidade de que se
[cobrem,
dia após dia



SÓ O INÍCIO

Uma amiga minha meio poetisa
definia assim o lamento
dos intelectuais da classe média:
"Sou prisioneiro da burguesia:
não posso sair de mim mesmo."
E o mestre Bertolt Brecht,
comunista, dramaturgo e poeta alemão
(nessa ordem) escreveu:
"Que é o assalto a um Banco
comparado ao crime
da fundação de um Banco?"
De onde concluo
que se para sair de si mesmo
um intelectual da classe média
assalta um Banco,
não terá feito, até então,
senão ganhar cem anos de perdão.



A PEQUENA BURGUESIA (sobre uma de suas manifestações)

Os que
no melhor dos casos
querem fazer a revolução
para a História para a lógica
para a ciência e a natureza
para os livros do próximo ano ou para o futuro
para ganhar a discussão e inclusive
para sair, enfim, nos jornais
e não simplesmente
para eliminar a fome
dos que têm fome
para eliminar a exploração dos explorados.
É natural então
que na prática revolucionária
cedam somente ante ao juízo da História
da moral do humanismo da lógica e das ciências
dos livros e dos jornais
e se neguem a conceder a última palavra
aos esfomeados, aos explorados
que têm sua própria história de horror
sua própria lógica implacável
e terão seus próprios livros
sua própria ciência
natureza
e futuro.



A GRANDE BURGUESIA

Os que produzem a aguardente
e depois dizem que não tem que aumentar o salário
dos camponeses
porque vão gastar tudo em aguardente

Os que na vida familiar
falam exclusivamente em inglês
entre quadros de *Dubuffet* e cristais *Bohemia*
e fotografias em tamanho natural
de éguas trazidas de Kentucky e de Viena
e nos cobram diariamente em suor e sangue
seu doloroso despertar cotidiano
neste país de índios sujos
tão longe de New York e Paris

Os que compreenderam que Cristo
quando se olha direito as coisas
foi realmente o Anticristo
(por tudo isso de amai-vos uns aos outros
sem distinguir entre os esfarrapados e as pessoas decentes
e isso dos cristãos primitivos conspirando
na cumplicidade das catacumbas
e da agitação contra o Império Romano
e o peixe tão parecido com a foice e o martelo)
e que o verdadeiro Cristo nasceu neste século
e se chamou Adolf Hitler



Os que votam em El Salvador
no presidente eleito dos Estados Unidos

Os que propiciam a miséria e a desnutrição
que produzem os tísicos e os cegos
e depois constroem
sanatórios e centros de reabilitação de cegos
para poder explorá-los
apesar da tuberculose e da cegueira

Os que não tem pátria nem nação aqui
mas só uma quinta
limitada ao noroeste com Guatemala ao norte com Honduras
ao sudeste com o golfo de Fonseca e Nicarágua
e ao sul com o Oceano Pacífico
quinta na qual os americanos vieram
pra montar algumas fábricas
e onde pouco a pouco foram surgindo
cidades povos vilas e aldeias
cheias de brutos que trabalham
e de brutos armados até os dentes que não trabalham
mas mantêm em seus postos
os brutos que trabalham

Os que dizem aos médicos e aos advogados e aos arquitetos
e aos agrônomos e aos economistas e aos engenheiros
que quem a boa árvore se acolhe boa sombra o cobre
e que é preciso fazer a cada ano Códigos Penais mais
[drásticos
e hotéis e casinos iguais aos de Miami



e planos quinquenais iguais aos de Porto Rico
e operações civilizadoras
que consistem em eliminar a mancha azul do cu
dos distintos senhores e senhoras
e regadios que levem a pouca água de todos
exclusivamente para a terra onde cresce
essa boa árvore que tão boa sombra dá
principalmente para os que não estão profissionalmente
[dispostos
a deixar de ignorar tantos fedorentos e tantos descalços

Os que para ter liberdade de imprensa
e direitos constitucionais
compraram jornais e rádios e centrais de TV
com tudo e jornalistas e locutores e câmeras
e compraram a Constituição política com tudo e
a Assembleia Legislativa e a Corte Suprema de Justiça

Os que para dormirem seguros
não pagam o vigia do quarteirão ou do bairro
mas sim diretamente ao Estado Maior Conjunto
das Forças Armadas

Os que
efetivamente
têm tudo que perder



A PÁTRIA

Nas atuais condições do mundo,
a pátria para os trabalhadores
só existe naqueles países
onde os trabalhadores conquistaram o poder.

Os trabalhadores soviéticos têm pátria,
e os chineses,
e os poloneses,
e os vietnamitas
e os cubanos.

Nas sociedades divididas em classes
(ou seja no chamado “mundo livre”),
nos países onde há pobres e ricos
(ou seja no chamado “ocidente cristão”),
a pátria é para os exploradores
o lugar onde exercem principalmente sua exploração
(ou seja, onde têm “o assento principal de seus negócios”)
e para os explorados
o lugar onde os exploram.

Esta situação teve, certamente, uma história
e nela surgiram hinos e bandeiras
e heróis e sentimentos:
de tudo isso se apropriaram os exploradores
e construíram uma grande máscara
para enganar nossos olhos e nosso coração.



Os trabalhadores, os pobres salvadorenhos;
os trabalhadores, os pobres hondurenhos;
os trabalhadores, os pobres guatemaltecos;
não têm pátria.

Ainda que toda a riqueza nacional
tenha sido lavrada com o sangue e o suor de seus povos,
de seus trabalhadores,
El Salvador,
Honduras,
Guatemala,
são pátria unicamente dos donos da pátria
propriedade dos donos
do sangue e do suor dos povos.

Os exploradores são tão donos dessas pátrias
que quando suas contradições se tornam críticas
colocam pra brigar entre si seus respectivos pobres.
Assim defendem pela força seu interesse
e ao mesmo tempo dividem os pobres
que cada dia estão mais sozinhos,
cantando o hino nacional e agitando a bandeira
na fria noite da pátria alheia.

Os trabalhadores e os pobres
só têm um jeito de ter pátria:
fazer a revolução.



TODOS

Todos nascemos meio mortos em 1932
sobrevivemos mas meio vivos
cada um com uma conta de trinta mil mortos inteiros
que começou a engordar seus juros
seus lucros
e que hoje chega a untar de morte os que continuam
nascendo
meio mortos
meio vivos

Todos nascemos meio mortos em 1932.

Ser salvadorenho é ser meio morto
isso que se move
é a metade da vida que nos deixaram.

E como todos somos meio mortos
os assassinos presumem não só que estão totalmente vivos
mas também que são imortais.

Mas eles também estão meio mortos
e apenas vivos pela metade.

Unamo-nos meio mortos que somos a pátria
para poder nos chamar de filhos seus
em nome dos assassinados
unamo-nos contra os assassinos de todos



contra os assassinos dos mortos e dos meiomortos

Todos juntos
temos mais morte que eles
mas todos juntos
temos mais vida que eles.

A todopoderosa união de nossas meias vidas
das meias vidas de todos nós que nascemos meio mortos
em 1932.





LEI DA VIDA

A árvore poderosa começa na semente
e ainda que o amor seja profundo e alto
é também mínima a semente do homem.
O nascimento do arroio do pólen
do ovinho da branca pomba
da pedra que rolou pelo monte nevado
desde sua pequenez chegam ao mar
ao girassol ao voo interminável
ao planeta de neve que nada deterá.

Na luta social também os grandes rios
nascem dos pequenos olhos d'água
caminham muito mais e crescem
até chegar ao mar.

Na luta social também pela semente
se chega ao fruto
à árvore
ao infinito bosque que o vento fará cantar.



A NOITE DA CÓLERA

Em 19 de agosto de 1960 as forças repressivas do Governo de El Salvador, depois de atacarem selvagememente uma manifestação estudantil, sitiaram a Escola de Medicina, em cujo interior se protegeram e resistiram durante uma noite e um dia, quase trezentos estudantes universitários. Com esta ação de força começou a transbordar a barbárie que caracterizou o período final da ditadura de Lemus. O autor destes poemas permaneceu na Escola de Medicina cooperando na organização da resistência estudantil diante da força dos facínoras, representantes da oligarquia salvadorenha e do imperialismo norteamericano.

Perguntas, perguntas...

Mas, o que está acontecendo aqui? Que mudança é esta?
São estes jovens elásticos,
de ar vertiginoso e gesto enérgico,
os mesmos de algumas horas atrás,
os de todos os dias familiares e fáceis
os da namorada doce e a aula barulhenta,
os da alegre piada na cervejaria,
os do desvelo entre a parca flor do livro,
os do passo cordial entre os hospitais,
os do trato comum com Píndaro e Virgílio?

Que fazem com esse sangue no cabelo?
Que fazem com esse grito feroz na garganta?
Que fazem com essas pedras nas mãos contraídas?
Que fazem com esse fogo saindo dos olhos?
Que fazem, de onde tiram seus gestos ásperos,
suas madeiras alçadas ao nível da ira?



Olhe para fora nas ruas, companheiro,
interroga a noite da pátria.
Você não vê o Coronel, pulcro e vil, com sua metralhadora?
Não vê o rude guarda nas esquinas
cuspidando a raiva que lhe pagam ao mês?
Não vê o policial, que ontem era meu irmão camponês,
meu irmão desempregado,
meu maltrapilho irmão escravo como todos,
esgrimir seu insulto e seu porrete
contra a luz que também o salvará?

Interroga a noite da pátria
e ela te dirá o amargo dos dias que vêm:
neles trocaremos a canção pelo grito,
a mão inofensiva pelo punho violento,
os livros e a caneta pelo rude fuzil.

Mas depois virá a luz que te dizia...

Meu irmão Luis e eu

Meu irmão Luis e eu temos falado seriamente,
e é a primeira vez. Se os policiais
e os guardas atacarem a Escola,
vamos resistir até o fim;
temos pedras e corações maiores que as pedras
e
o que é mais importante, conhecemos
as causas da luta.



Se algum dos dois cair lutando
o outro levará flores à mamãe
e lhe dirá que para ela também
há lugar em nossas fileiras.

É estranho,
mas até diria que me sinto feliz...

Cólera

São cinco da manhã
e chove com a fúria que todos esperávamos.
Faz frio na nossa pele molhada,
somente na pele molhada,
porque no coração
o fogo acordou violento
como uma nobre fera por algum tempo adormecida
Meu companheiro Rivera solta sangue pela boca
- sei que isso não é poético
mas é o que acontece agora -
meu companheiro Ramirez tem um ombro quebrado,
meu companheiro Escobar morde os lábios de dor e raiva
mas com seu braço sadio pinta cartazes de protesto.

Nos cortaram a água e os bombeiros cúmplices
alçam as escadas de assalto

Mas, o que está acontecendo?
Por que tanto vacilam os canalhas?
Será que têm medo dos fracos?



Que venham os covardes com seus rifles!
Que venham com suas ordens de morte!
Nós estudantes também conhecemos a cólera
quando os porcos mancham as salas do decoro!

19-20 de agosto, 1960





PARA A PAZ

Será quando a lua expelir a água
com sua corrente oculta de luz inenarrável.

Roubaremos todos os fuzis
apressadamente.

Não há que matar o sentinela, o pobre
só é função de um sonho coletivo
um uniforme repleto de suspiros
recordando o arado.
Deixemos que beba ensimesmado sua lua e seu granito.

Bastará a sombra lançando-nos suas pálpebras
para chegar ao ponto.

Roubaremos todos os fuzis
irremissivelmente.

Teremos que transportá-los com cuidado
mas sem nos determos
e abandoná-los entre detonações
nas pedras do pátio.

Fora dali, já, somente o vento.

Teremos todos os fuzis
alvoroçadamente.

Não importará a geada momentânea
dando pedradas contra o suor de nosso sobressalto,



nem a duvidosa relação de nosso alento
com a ampla neblina, milionária em espaços:
caminharemos até os semeadouros
e enterraremos esperançosamente
todos os fuzis
para que uma raiz de pólvora faça estalar em mariposas
seus caules minerais
em uma primavera futura e ativa
repleta de pombas.





ONTEM

Junto à dor do mundo minha pequena dor,
junto à minha detenção colegial a verdadeira prisão dos
homens sem voz,
junto ao meu sal de lágrimas
a crosta secular que sepultou montanhas e japus,
junto à minha mão desarmada o fogo,
junto ao meu fogo o furacão e as frias derrubadas
junto à minha sede as crianças afogadas
dançando interminavelmente sem noites nem estaturas
junto ao meu coração os duros horizontes
e as flores,
junto ao meu medo o medo que venceram os nossos,
junto à minha solidão a vida que percorro,
junto ao disseminado desespero que me oferecem,
os olhos de quem amo
dizendo que me amam.



COMO O CACTO¹

Minha poesia
é como o cacto
paga seu preço
à existência
em termos de aspereza.

Entre as pedras e o fogo,
diante da tempestade
ou no meio da seca,
sobre as bandeiras
do ódio necessário
e o lindíssimo empuxo
da cólera,
a flor da minha poesia busca sempre
o ar,
o húmus,
a seiva,
o sol,
da ternura.

1: A planta a que Roque Dalton se refere no poema é a Siempreviva, que cresce nas regiões secas e também nas proximidades de vulcões, em El Salvador. Não se trata da mesma Sempre-Viva que conhecemos no Brasil, é uma outra espécie. A planta pertence ao gênero Sempervivum, e no Brasil não há um nome popular específico para ela. É identificada como uma das suculentas, numa denominação mais genérica. Por analogia com o território brasileiro, optamos por usar o cacto na tradução.



Para que deve servir
a poesia revolucionária?

Para fazer poetas
ou para fazer a revolução?





PARA UM MELHORAMOR

"O sexo é uma categoria política"
Kate Mills

Ninguém duvida que o sexo
é uma categoria no universo dos casais:
daí sua ternura e suas ramas selvagens.
Ninguém discute que o sexo
é uma categoria familiar:
daí os filhos,
as noites em comum
e os dias divididos
(ele, buscando o pão na rua,
nos escritórios e nas fábricas;
ela, na retaguarda dos ofícios domésticos,
na estratégia e tática da cozinha
que permitam sobreviver à batalha comum
talvez até o fim do mês.)
Ninguém discute que o sexo
é uma categoria econômica:
basta mencionar a prostituição,
as modas,
as seções do jornal que são para ela
ou são para ele.
Onde começa a confusão
é quando uma mulher diz
que o sexo é uma categoria política.
Porque quando uma mulher diz
que o sexo é uma categoria política
pode começar a deixar de ser mulher-em-si
para converter-se em mulher-para-si,
constituir a mulher em mulher



a partir de sua humanidade
e não de seu sexo,
pode começar a saber que o desodorante mágico com sabor
de limão

e o sabão que acaricia voluptuosamente sua pele
são fabricados pela mesma empresa que fabrica o napalm
saber que o trabalho próprio do lar
é o trabalho próprio da classe social a que pertence esse lar,
que a diferença de sexos
brilha muito melhor na profunda noite amorosa
quando se conhece todos esses segredos
que nos eram mantidos mascarados e alheios.





ALTA HORA DA NOITE

Quando você souber que morri não pronuncie meu nome
porque se deteria a morte e o repouso.

Sua voz, que é o sino dos cinco sentidos,
seria o tênue farol buscado por minha névoa.

Quando souber que morri diga sílabas extravagantes,
pronuncie flor, abelha, lágrima, pão, tormenta.

Não deixe que seus lábios achem minhas onze letras.
Tenho sonho, amei, ganhei o silêncio.

Não pronuncie meu nome quando souber que morri:
Desde a escura terra viria por sua voz.

Não pronuncie meu nome, não pronuncie meu nome.
Quando souber que morri não pronuncie meu nome.



LA JOIE DE AIMER

Não me ame
para esgotar seu destino.
Não me ame
na esperança de construir uma tragédia contemporânea.
Ria a todas luzes, querida
Ria em toda esta etapa de bela vizinhança.
Ria, ria,
ainda que seja de mim.





O QUE FALTA

*"...a outra pessoa, como pessoa, se converteu em uma
necessidade para ele..." Marx*

"Os clássicos são interessantes."
blasfêmia minha de ontem, ao sair de Romeu e Julieta.

Hoje aumentou a cota de tomate pra salada
e apareceram umas acelgas enormes.

O pão sobra, os ovos bastam, o arroz e o feijão
jorra e enjoe.

A escassez dá um pouco de fome mental
e muitíssima da outra, dizia ontem o gordo Flores.

Mas com merluza e duas bistecas
deixaremos a semana pra trás.
O que verdadeiramente falta em Cuba
é você.



O AMOR

O amor é minha outra pátria
a primeira
não a de que me ufano
a que sofro





TERCEIRO POEMA DE AMOR

Para quem diga que nosso amor é extraordinário
porque nasceu de circunstâncias extraordinárias
responda que precisamente lutamos
para que um amor como o nosso
(amor entre companheiros de combate)
chegue a ser em El Salvador
o amor mais comum e corrente,
quase o único.





ESCRITO EM UM GUARDANAPO

Levanto minha taça, camaradas,
e antes de mais nada peço que me perdoem
por atravessar sem permissão e sem compostura
as portas da emoção:
nosso irmão de tão longe país
e nossa filha das entranhas, criança de nossos olhos,
fundam sua nobre casa sobre uma firme pedra.
Filhos do povo, comunistas os dois,
escutaram
a fulminante voz do coração.
A alegria é também revolucionária, camaradas,
como o trabalho e a paz
Bodas de flores vermelhas,
brindemos por eles!
Muito amor um ao outro
Sempre fiéis e mutuamente apoiados
nos darão filhos lindos
(seja isso dito com o perdão)
que iluminarão os primeiros de maio
E é que a partir de agora
cada um é camarada
multiplicado por dois
Isto é como se disséssemos
o lado prático do romance.
Comamos e bebamos, camaradas.



NÃO, NEM SEMPRE FUI TÃO FEIO

Acontece que tenho uma fratura no nariz
que me causou o porto-riquenho Lizano com um tijolo
porque eu dizia que evidentemente era pênalti
e ele que não e que não e que não
nunca em minha vida voltarei a dar as costas a um jogador
[porto-riquenho
o padre Acherandio por pouco não morreu de susto
já que por fim havia mais sangue do que num altar asteca
e logo foi Quique Soler que me deu no olho direito
a pedrada mais certa que se pode imaginar
claro que se tratava de reproduzir a tomada de Okinawa
mas me causou ruptura da retina
um mês de imobilização absoluta (aos onze anos!)
visita ao doutor Quevedo na Guatemala e ao doutor
Bidford que usava uma peruca vermelha
por isso é que em algumas ocasiões vesgueio
e que ao sair do cinema pareço um drogado
a outra razão foi uma garrafada de rum
que me lançou o marido de Maria Elena
na realidade eu não tinha nenhuma má intenção
mas cada marido é um mundo
e se pensamos que ele acreditava
que eu era um diplomata argentino
tem-se que dar graças a deus
a outra vez foi em Praga nunca se soube
me espancaram quatro delinquentes em um beco escuro
a duas quadras do Ministério da Defesa
a quatro quadras dos escritórios da Segurança Pública
era véspera da abertura do Congresso do Partido
por isso alguém disse que era uma demonstração contra o



Congresso

(no hospital encontrei outros dois delegados
que haviam saído de seus respectivos assaltos
com mais ossos quebrados que nunca)
outro opinou que foi um assunto da CIA para cobrar minha
escapada do cárcere
outros ainda que foi uma amostra
do racismo anti-latinoamericano
e alguns que eram simplesmente
as universais vontades de roubar
o camarada Sóbolev veio me perguntar
se não era porque eu tinha tocado o cu
de alguma senhora acompanhada
antes de protestar no Ministério do Interior
em nome do Partido Soviético
finalmente não apareceu nenhuma pista
e há que dar graças a deus novamente
por haver continuado como vítima até o final
numa investigação na terra de Kafka
em todo caso (e para o que me interessa sustentar aqui)
os resultados foram
dupla fratura no maxilar inferior
comoção cerebral grave
um mês e meio de hospital e
dois meses mais engolindo até os bifes liquefeitos
e a última vez foi em Cuba
quando descia uma ladeira embaixo da chuva
com uma M-52 entre as mãos
e numa dessas saiu não sei de onde um touro
eu enrosquei minhas canelas no mato e comecei a cair
o touro passou sem me notar
mas como era um grande tonto



não quis voltar para me furar
mas de toda forma não foi necessário porque
como lhes havia contado eu caí em cima da arma
que não fez outra coisa senão ricochetear como uma
revolução na África
e me partiu em três pedaços o arco zigomático
(muito importante para a resolução estética do rosto).

Isso explica pelo menos em parte meu problema.





OS BUROCRATAS

Os burocratas nadam em um mar de tédio tempestuoso.
Dali do horror de seus bocejos são os primeiros assassinos
[da ternura
acabam adoecendo do fígado e morrem agarrados aos
[telefones
com os olhos amarelos fixos no relógio.

Os burocratas têm letras lindas e compram-se gravatas
sofrem síncope ao comprovar que suas filhas se masturbam
devem para o alfaiate monopolizam os bares
leem a revista Seleções e os poemas de amor do Neruda
assistem à ópera italiana se benzem
assinam os documentos nítidos do anticomunismo
o adultério os afunda suicidam-se sem arrogância
têm fé no esporte se envergonham
se envergonham muito
de que seu pai seja um carpinteiro



DATILÓGRAFO

Você sai de sua casa nas manhãs
com cheiro de sabonete pensando nos vasos
de cravos no dano que as crianças lhes causam
você já está bem do resfriado o sol
tem gosto de conhaque barato bebido em goles longos
seria a manhã um copo indescritível um copo
em cujo fundo fica sempre a ressaca
das alegrias de ontem de outros ontens como ontem?

Você não se importa
pega o ônibus em frente à Penitenciária
aí ficam –faça frio faça febre– os propensos à violência
os assassinos os ladrões os poetas os loucos
os revolucionários os santos do alto-falante
os imprecadores pelo amor
com os olhos abertos

Mas você não se importa
desce perto do escritório
e compra um jornal como todos os dias:
invadiram –finalmente– Cuba
do alto o fogo matou crianças nas praias cidades e
[mais crianças
você passa logo para as tirinhas a solução –cantarola–
das palavras cruzadas o horóscopo Gêmeos e sua boa estrela
–ela nasceu em touro com seus olhos azuis–
a partida do domingo foi suspense



por causa do estado de emergência nacional –lamentável–
novos presos políticos a polícia baleou um operário
grande campanha anticomunista persegue-se
com grande ardor patriótico as organizações clandestinas

Você não se importa
sobe as escadas bom dia doutor
muito bom dia senhor chefe de seção
muito bom dia –você abaixa a cabeça– como vai
senhor –você sorri– diretor

Logo você se senta em frente à máquina
resplandecente como uma opala na barriga de um grande
[peixe

–beatífico o sorriso satisfeita a pele
nua entre a roupa e os sapatos–
alonga seus dedos brancos de pianista
(eu vi num filme o Chopin o pobre
morreu tísico –sangue no lenço– por excessos de amor)
seus dez dedos pulcríssimos e tac
tac tac tacatac você não se importa
nada tacatac
eternamente tac
tacatac
o poço é fundo tac
tacatac tac
tacatac



S.O.S

(Carta que me chegou)

"O grande poeta chileno Pablo Neruda
recebeu o Prêmio Nobel.
Nessa noite, convidou para cear a sós Gabriel
García Márquez
e logo disse à TV francesa
que a narrativa é melhor que a poesia e que
Cem anos de Solidão
é a melhor novela do século e quiçá
a melhor novela em espanhol desde Cervantes.

O presidente Richard Nixon recebeu
dia 3 de fevereiro ao poeta soviético Eugenio Yevtushenko
durante meia hora na Casa Branca.
'A poesia, a música e a pintura' - disse Nixon -
'são uma linguagem internacional que transcende
toda fronteira geopolítica.'
Henry Kissinger, conselheiro especial de Nixon para
assuntos de segurança, assistiu a uma parte desta entrevista.
Depois dela, o poeta Yevtushenko
voou a Porto Rico onde declarou
que Cem anos de Solidão é a melhor novela do século
porque tem de tudo: mistério, poesia, denúncia, etc.

Eu penso que o Prêmio Nobel é o Prêmio Principal
da burguesia internacional,
e sei que em Haifong e Hanoi conhecem bem a linguagem
internacional de que Nixon falou a Yevtushenko,
suspeito que em algum lugar deverá ter
abundante merda Cem anos de Solidão



- que tanto tenho gostado até agora
em seu encantador marco estritamente literário
(não li a crítica a respeito) -
que consiga explicar tão peculiar coincidência."

Pode ser que isto não seja poético.
Mas se em tudo isto há verdade,
em nome de todos os encantados leitores
da "mais bela literatura da América Latina",
peço auxílio.





CONSELHO QUE NÃO É MAIS NECESSÁRIO EM NENHUMA PARTE DO MUNDO, MAS QUE EM EL SALVADOR...

Não esqueça nunca
que os menos fascistas
dentre os fascistas
também são
fascistas.





MISCELÂNEAS

Ironizar o socialismo
parece ser aqui¹ um bom licor digestivo,
mas te juro que em meu país
primeiro deve-se conseguir o jantar.

Para mim, o socialismo é ainda uma etapa burguesa
na história marxista da humanidade. E o digo
precisamente em uma manhã em que me reconheço
lúcido, quando faz quase uma semana que não provo
uma gota de álcool.

O imperialismo deseja que a nação salvadorenha seja a
Nação Salvadorenha S.A., Made in USA.

Digam que somos o que somos: um povo sofrido, um
povo analfabeto, desnutrido e, no entanto, forte, porque
outro povo já teria morrido...

Sabe o que seria El Salvador se fosse do tamanho do Brasil?

1: "aqui" se refere à Praga, onde Roque ficou exilado por algum tempo.



EL SALVADOR SERÁ

El Salvador será um lindo
e (sem exagerar) sério país
quando a classe operária e o campesinato
o fertilizarem pentearem talquearem
quando curarem sua borracha histórica
limparem reconstituírem-no
e o colocarem para andar.

O problema é que hoje El Salvador
tem em torno de mil garrochas e cem mil desníveis
um zilhão de calos e alguns abscessos
cânceres cascas caspas sujeiras
chagas fraturas tremedeiras futuns.

É preciso dar-lhe um pouco de facão
lixa torno aguarrás penicilina
banhos de assento beijos pólvora.



COMPANHEIRO PERENE

a Miguel Ángel Alfaro

Hoje somos menos para edificar sorrisos
Menos para rodear a altura das noites
com palavras alegres;
menos para exercer esforços
para sermos mais totais.
Hoje somos menos para suportar o amargo
dos dias indóceis,
menos para romper os muros asfixiantes
e soltar os passageiros;
hoje somos menos diante da miséria,
hoje somos menos para assassinar a fome.

Companheiro perene:
que não decaia sua corola limpa
porque somos menos,
é o grande 'no entanto'
da visão futura,
porque
se somos menos,
seu sopro projetado
vai nos construir maiores.
Você se foi com sua rosa e com sua testa intactas,
com sua visível anatomia rasgada
com nosso compromisso em gestação esperançado.



Sempre estivemos juntos:
registrando com pedras os ventres das árvores,
sonhando nas esquinas com futuros mais francos,
coleccionando namoradas incompletas
e mulheres sem sonhos
de sexos prolongados até a alma,
mentindo nos lares aos domingos
sobre a missa não escutada,
bebendo a alegria das camisas novas
estabelecendo a palavra jovem
em cem bares inóspitos,
estruturando irmãos a cada dia
e sobretudo
mantendo a chama
do amor à vida
(é que amar a vida
é odiar a miséria,
assassinar a fome
e libertar os pássaros;
é suportar com esperança a amargura
e enquanto isso
dynamitar os muros asfixiantes;
é amar o amor universal
e caminhar alegres
com os olhos abertos.)

Companheiro perene:
aqui estamos juntos nós que te amávamos
Aqui estamos de pé



CANÇÃO DE PROTESTO

a Silvio

Caiu mortalmente ferido por uma facada no violão
mas ainda teve tempo de sacar sua melhor canção lá do
[fundo

e disparar com ela contra seu assassino
que pareceu momentaneamente desconcertado
levando os indicadores aos ouvidos
e pedido aos gritos
que apagassem a luz.





SOBRE DORES DE CABEÇA

É belo ser comunista,
ainda que cause muitas dores de cabeça.

E é que a dor de cabeça dos comunistas
se supõe histórica, melhor dizendo,
que não cede ante às pílulas analgésicas
a não ser com a realização do Paraíso na terra.
Assim é a coisa.

Sob o capitalismo nos dói a cabeça
e nos arrancam a cabeça.
Na luta pela Revolução a cabeça é uma bomba relógio.
Na construção socialista planejamos a dor de cabeça
a qual não diminui, muito pelo contrário.

O comunismo será, entre outras coisas,
uma aspirina do tamanho do sol.



KARL MARX

Dos olhos nobres de leão brilhando ao fundo de suas barbas
da umidade empoeirada nas bibliotecas mal iluminadas
dos lácteos braços de Jenny de Westfalia
dos redemoinhos da miséria nos exílios lentos e frios
das cóleras naquelas redações renanas cheias de fumaça
da febre como um pequeno mundo de luz nas noites sem
[fim]

you corrigiu o trabalho manco de Deus
you oh grande culpado da esperança
oh responsável entre os responsáveis
pela felicidade que segue caminhando





OS DIREITOS HUMANOS

(Recolhido textualmente de uma conferência)

- Há negros neste cemitério?
 - Enterrados não. Mas sim, há negros.
- Os dois coveiros são negros.





SOBRE MODERNAS CIÊNCIAS APLICADAS

A ecologia é o eco
produzido pelo estrondo
com que o capitalismo destrói o mundo.

Pois, independentemente do que diga a Universidade,
a ecologia mais que uma ciência é
um discreto véu, um unguento lubrificante e,
no melhor dos casos,
uma aspirina científico-técnica.

De sua validade e eficácia pode se dizer
que enquanto a destruição capitalista
seguir produzindo lucros para os donos do mundo
e for mais importante que a conservação ambiental,
a única possibilidade de ser importante
que tem a ecologia
é continuar sendo um negócio.



CREDO DO CHE

O Che Jesus Cristo
foi feito prisioneiro
depois de concluir seu sermão na montanha
(com estrondos de metralhadoras ao fundo)
por *rangers* bolivianos e judeus
comandados por chefes ianques-romanos

Condenaram-no os escribas e fariseus revisionistas
cujo porta-voz foi Caifás Monje
enquanto Poncio Barrientos lavava as mãos
falando em inglês militar
pelas costas do povo que mascava folhas de coca
sem sequer ter a alternativa de um Barrabás
(Judas Iscariotes foi dos que desertaram da guerrilha
e ensinaram o caminho para os *rangers*)

Depois colocaram no Cristo Guevara
uma coroa de espinhos e uma túnica de louco
e penduraram nele uma placa em tom de chacota
INRI: Instigador Natural da Rebelião dos Infelizes

Depois fizeram-no carregar sua cruz em cima de sua asma
e crucificaram-no com rajadas de M-2
e cortaram-lhe a cabeça e as mãos
e queimaram o que restou para que a cinza
desaparecesse com o vento



Em vista do qual não restou ao Che outro caminho
que o de ressuscitar
e ficar à esquerda dos homens
exigindo-lhes que apressem o passo
pelos séculos dos séculos
Amém





MANEIRAS DE MORRER

O comandante Ernesto Che Guevara
chamado pelos pacifistas
de grande aventureiro da luta armada
foi e aplicou suas concepções revolucionárias
na Bolívia.
Nesse teste perdeu sua vida e a de um punhado de heróis.

Os grandes pacifistas da via prudente
também testaram suas próprias concepções no Chile:
os mortos já passam de 30 mil.

Pense o leitor no que nos diriam
se pudessem nos falar de sua experiência
os mortos em nome de cada concepção.



VELHOS COMUNISTAS E GUERRILHEIROS

Tivemos no país boas pessoas
dispostas a morrer pela revolução.

Mas a revolução em todos os lugares precisa de pessoas
que não só estejam dispostas a morrer
mas também dispostas a matar por ela.

Daquelas boas pessoas o Che dizia:
São capazes de morrer nas câmaras de tortura
sem soltar uma palavra,
mas são incapazes de tomar de assalto
um ninho de metralhadoras.

E é sabido que o inimigo de classe
para defender a exploração não só utiliza
as câmaras de tortura
como também ninhos de metralhadoras
e muitíssimas coisas mais do mesmo estilo.

Resumindo:
só aqueles que estejam dispostos a morrer e matar
chegarão ao final sendo boas pessoas
para a revolução.

Porque será por elas que haverá revolução

Ainda que a revolução termine por ser para
todas as boas pessoas.



EM UMA BIBLIOTECA DE PEQUIM, OLHANDO SÍMBOLOS CALIGRÁFICOS CHINESES, LOCALIZO POEMAS LENINISTAS

*Dedico estas versões a Andras Simor,
por cujas marcações localizei os caligramas,
e também à imperecível lembrança de Bertolt
Brecht, nosso antecessor comum
neste tipo de traduções.*

I

Revolução:

Movimento de cor vermelha
na velha casa do homem.

Revolução:

Fogo no inverno e no verão,
sempre correspondente à hora-da-natureza,
sempre exposta ao vento.

II

Miséria-do-povo exige: Revolução.
Revolução exige: dureza nobre de coração.
Revolução não teme a morte.
Teme-a-morte = Não-Revolução



III

Revolucionário:

Homem em concordância consigo mesmo
e com o movimento de cor vermelha
que estremece sua casa.

Há também movimento em seu coração.
Há um pássaro vermelho em seu coração.
Seu coração é um pássaro vermelho que estende as asas.

IV

Néscios, pérfidos:

Aqueles que querem soterrar a chama
e falam mal do vento.

Para eles a vida é a-velha-casa-em-quietude.

Querem cortar as asas dos pássaros vermelhos.



ELEMENTOS

A organização de vanguarda
nível de experiência e organização das massas
a análise de conjunto e dos detalhes
a melhor conjuntura
a audácia as armas a serenidade a tenacidade
a intransigência na estratégia
a flexibilidade na tática
a clareza nos princípios
a clandestinidade operativa
a localização do momento preciso
os motores do amor e do ódio
métodos meios e preparação adequados
técnica ciência e arte
o conhecimento de toda a experiência anterior
mais e mais audácia
ofensiva constante
a concentração na direção principal
queimar as pontes e ao mesmo tempo
jogar todo o jogo em uma só carta
máxima segurança só depois de aceitar
as últimas consequências
alianças uniões apoios neutralizações
planejamento global do confronto
marco mundial
nível moral de nossas forças
mais audácia
autocrítica constante
e mais audácia



TERIA DITO OTTO RENÉ CASTILLO¹ PENSANDO EM LÊNIN

Ninguém vai à montanha² buscar a glória. Ninguém que não seja um imbecil, quero dizer. No fundo ninguém elabora sua poesia pela glória. Ninguém que seja um poeta, quero dizer. Admito que os que vão à montanha, algumas vezes se colocam o problema da morte eventual em forma quase sensualista. Mas os poetas costumam ser sensualistas e até obscenos, pode-se dizer.

Ir à montanha hoje na América Central é aceitar o problema pessoal da vida e da morte em uma proporção de sessenta por cento para a morte e de quarenta por cento para a vida.

Assumir estas cifras

não é um desvio católico do marxismo. O inimigo é mais forte que nunca porque nós somos mais débeis e estamos mais divididos que nunca. Ir à montanha é um ato político-militar e não uma atitude poética tradicional. Se trata de por uma pedra em nosso prato da balança e não de uma efusão espiritual. Assim cada um é livre para ir-se à montanha com sua poesia, suas efusões espirituais, seus amuletos.

De fato, as unidades guerrilheiras transbordam de poesia, efusões espirituais e amuletos, mas se servem mais e melhor da boa pontaria, da resistência física e das facas de

[caça.

Estas são algumas verdades que honram muito ao poeta

[guerrilheiro.



Em geral, é certo que o sacrifício que não tenha uma eficácia real na história é idiota. Creio que esta é uma conclusão de espírito leninista. Porém, quem pode saber antecipadamente o que terá eficácia real na história? Tratar de obter essa eficácia arriscando a vida é a maior grandeza do homem. O camarada Lênin estaria de acordo. Ele, que sempre nos buscou a mística chaga da dignidade e da honra. Ele, que vive em suas palavras unicamente para aqueles que vão mais além das palavras.

1: Otto René Castillo foi um poeta guerrilheiro da Guatemala amigo de Roque Dalton. Otto foi assassinado nas montanhas, na guerrilha para libertar seu país.

2: "Ir à montanha", neste caso, refere-se a entrar para a guerrilha.



O TERRÍVEL

Minhas lágrimas, até minhas lágrimas
endureceram

Eu que acreditava em tudo.

Em todos.

Eu que só pedia um pouco de ternura,
o que não custa nada,
a não ser o coração.

Agora é tarde já

Agora a ternura não basta.

Provei o sabor da pólvora.



AS NOVAS ESCOLAS

Na Grécia antiga

Aristóteles ensinava filosofia a seus discípulos
enquanto caminhava por um grande pátio.

Por isso sua escola se chamava “dos peripatéticos”.

Os poetas combatentes

somos mais peripatéticos

que aqueles peripatéticos de Aristóteles

porque aprendemos a filosofia e a poesia do povo,
enquanto caminhamos

pelas cidades e pelas montanhas de nosso país.





DE UM REVOLUCIONÁRIO A J. L. BORGES¹

É que para nosso Código de Honra,
você também, senhor,
foi dos tantos lúcidos que esgotaram a infâmia.
E em nosso Código de Honra
dizer: “que escritor!”
é bem pouco atenuante;
é, quiçá,
outra infâmia...

1: Jorge Luis Borges é um escritor argentino considerado – ao lado de Kafka – como um dos maiores inovadores da literatura do século XX. Um de seus livros mais famosos é o “História Universal da Infâmia”. Suas tendências conservadoras, de apoio à ditadura argentina, por exemplo, foram amplamente conhecidas à época.



QUATRO PEQUENAS HISTÓRIAS

*"Um homem passou pela terra
e deixou seu coração ardendo entre os homens..."*

*Tua morte criou um aniversário
maior que o aniversário de uma montanha...*

*Contigo a morte se faz maior que a vida...
Desde hoje nosso dever é defender-te de ser Deus."*

Vicente Huidobro

I.

As palavras

É fácil dizer
o maior homem deste século
expor as palavras como flâmulas
porque outra festa vai começar
o mais humano o mais simples
coração do pensamento e
pensamento do coração
(incitados simplesmente a nos alegrar
o coração feito um jovem acordeón
para hinos e loas)
o que mais construiu
o que melhor ensinou a destruição construtiva
e a simples construção baseada no trabalho.

Porque a um homem como ele
se pode acudir tranquilamente com um lugar comum
com uma sentença tirada dos livros sagrados
ou com o que diz uma criança ao despertar.



No entanto,
queremos, para nomeá-lo, palavras sólidas
que resistam em meio à noite
aos novos ventos do mundo
palavras filhas de suas palavras
fundadoras
pétreas
incomovíveis
preparadas para a luta e para a fraternidade
para a luta da fraternidade

As palavras não para a dança
ou declamação em nosso mundo urgente
senão para desentranhar a sede
o grito
o proclamado "Basta!" dos famintos
humilhados pela escuridão da exploração
e para a luz da fúria.

As palavras para o canto das consciências.

II

Em 1975 eu vi a Lênin em Moscou (I)

E escrevi então um poema com pedidos muito íntimos, de acordo completamente com os vinte e dois anos de idade de uma pessoa que desejaria ter toda a vida vinte e dois anos de idade:





“Para os camponeses de minha pátria
quero a voz de Lênin.

Para os proletários de minha pátria
quero a luz de Lênin.

Para os perseguidos de minha pátria
quero a paz de Lênin.

Para a juventude de minha pátria
quero a esperança de Lênin.

Para os assassinos de minha pátria,
para os carcereiros de minha pátria,
para os que que desdenham minha pátria,
quero o ódio de Lênin,
quero o punho de Lênin,
quero a pólvora de Lênin.”

Eu era ainda católico militante e, no entanto, antes de regressar a El Salvador, depois de uma longa travessia soviético-européia, fui interrogado ao sair de Lisboa, impedido de descer a terra em Barcelona e nas Ilhas Canárias, perseguido em Caracas (onde desembarquei por erro das autoridades Pérez-Jimenistas no porto de La Guaira), detido pelo FBI no Panamá, etcétera. Comecei a saber que Lênin, e tudo que se relacionava com ele, era algo muito sério. Muito sério.



III

Concurso no Terceiro Mundo

"Me perguntam quem foi Vladimiro Ilich Uliánov, chamado Lênin, ou mais bem dito Ene Lênin, que era o pseudônimo que usara na clandestinidade e para assinar muitos artigos. Como todo mundo sabe, Lênin foi quem aplicou o marxismo ao problema da tomada do poder na Rússia e à construção do primeiro Estado proletário do mundo. Mas não é isso o mais importante. Em seu livro fundamental, Materialismo e empirocriticismo, página 52 da edição Rússia, Lênin disse..."

"Lênin? O anticristo, sem dúvida. Tenho um pequeno opúsculo, com base rigorosamente bíblica, que o prova terminantemente."

"Lênin, como Jesuscristo, era uma visão evoluída, no sentido de Teilhard de Chardin, do amor."

"O camarada Lênin foi o genial discípulo e continuador de Marx, mestre do camarada Stalin, fundador da pátria do proletariado mundial, pai de todos os trabalhadores do mundo."

"Lênin foi simplesmente um homem sério e disciplinado. Um homem de sentido comum. Ou seja: todo o contrário de um aventureiro. O que passa é que essas virtudes tão necessárias em um dirigente não se encontram mais juntas nestes tempos."



"O companheiro Lênin foi, como todo estudioso sabe, antes de tudo, o autor do par de livros mais importantes da história do pensamento econômico moderno: O desenvolvimento do capitalismo na Rússia e O imperialismo, fase superior do capitalismo."

"Lênin foi o fundador da teoria da revolução permanente."

"Lênin é a liberdade do homem na história. Um símbolo."

"Lênin foi o homem novo que, como todo mundo sabe, existiu sempre..."

"O camarada Lênin foi quem ordenou aos destacamentos revolucionários para se armarem 'por si mesmos e com o que podiam (fuzil, revólver, bombas, facas, luvas, garrotes, cordas ou escadas de corda, pás para construir barricadas, minas de piroxilina, arames de puas, pregos contra a cavalaria, etcétera, etcétera)'. E foi quem agregou: 'Em nenhum caso se deverá esperar a ajuda indireta, de cima, de fora: tudo deverá obter-se por meios próprios' (1905)".

Lênin foi a primeira vítima importante de Stálin.

"Lênin? (Tosse). Bom, depois da paz de Brest..."

"Lênin foi o grande amigo e camarada (em sentido dialético) de León Trotsky".



"Lênin foi quem formulou, em essência, a teoria do foco insurrecional."

"Lênin salvou o bolchevismo do trotskismo."

"Lênin? Uma formidável força moral. Não existirá outro Lênin e a autêntica revolução não poderá fazer-se em um país incapaz de produzir um Lênin. Não digo eu em nosso país, em que um mínimo sentido de decência obriga a nós, revolucionários, a renunciar aos êxitos de uma larga vida política, irreprovável e clara, e preferir o duro retiro e a meditação nas aras do dever moral de hoje, expulso das ruas e refugiado nos corações individuais dos fortes de espírito... (Tosse grave)".

"Lênin: uma psicologia interessantíssima, com muito de oriental..."

"Lênin foi um poeta, irmão, um poeta".

IV.

A verdade é concreta

(a)

Você nos deu um coração de carne e sangue à verdade
mas nos advertiu que funcionava
como uma bomba de tempo
ou como uma maçã.



Que poderia servir para fazer voar a maquinaria do ódio
mas que também poderia apodrecer.

(b)

Ai dos que crêem que porque a verdade é concreta
ela é somente como uma pedra, como um bloco de concreto
ou um ladrilho!

Uma bicicleta,
um jato,
uma astronave,
são coisas concretas como a verdade.

O mesmo que um quebra-cabeça.
E um combate corpo a corpo.



DIALÉTICA DAS GÊNESES, CRISES E RENASCIMENTOS

I

Por você evitamos pôr o Partido nos altares.

Porque nos ensinou que o Partido
é um organismo que existe no mutável mundo do real
e que sua enfermidade é semelhante a uma bancarrota.

Por você sabemos, Lênin,
que o melhor berço do Partido
é o fogo.

II

Por você compreendemos que o Partido pode aceitar
qualquer clandestinidade
menos a clandestinidade moral.

Por você sabemos que o Partido se constrói
à imagem e semelhança dos homens
e quando não é à imagem e semelhança dos melhores
homens
é necessário voltar a começar.



AS ASPIRAÇÕES (MÍNIMAS E URGENTES) DE UM LENINISTA LATINOAMERICANO

Aspiramos
(mas com nossa ação
não com nossos narizes)
à criação de um partido revolucionário de combate
que dirija as mais amplas massas do povo
como vanguarda da classe operária
real ou em potência
(as palavras “real ou em potência” se referem aqui
à classe operária não à vanguarda)
a uma estratégia tatificada
e a uma tática filha de uma estratégica
aspiramos
a honrosa inimizade dos oportunistas
a esvaziar as armas da crítica
e a carregá-las outra vez para disparar de novo
a exercer
a crítica das armas¹
(depois de conseguir
construir
engraxar
manejar até a perfeição
e saber quando e contra quem usar
essas armas)
aspiramos dar três passos adiante²
para cada passo atrás
aspiramos nos curar de nossas doenças infantis³



mas sem envelhecer
aspiramos à saúde juvenil perene
não à normal senilidade
e aspiramos
acima de todas as coisas
(por agora
mas também desde agora)
ao poder político em nossa nação
ao poder político
ao poder
ao poder

1: Referência à famosa frase de Marx: "As armas da crítica não podem, de fato, substituir a crítica das armas; a força material tem de ser deposta por força material, mas a teoria também se converte em força material uma vez que se apossa dos homens." (Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel)

2: Referência ao famoso texto de Lênin "Um passo adiante, dois passos atrás".

3: Referência ao famoso texto de Lênin "Esquerdismo: doença infantil do comunismo"



LÓGICA REVI

Uma crítica a União Soviética
só pode ser feita por um anti-soviético.
Uma crítica a China
só pode ser feita por um anti-chinês.
Uma crítica ao Partido Comunista Salvadorenho
só pode ser feita por um agente da CIA.
Uma autocrítica equivale ao suicídio.





ALGUÉM LEVANTA A MÃO

UM LEITOR: Companheiro poeta: eu queria dizer algo...

O POETA: Diga logo, companheiro...

UM LEITOR: Não é por nada, mas...

O POETA: Mas...

UM LEITOR: Quero dizer que em todos seus poemas no seio desta *collage*¹, noto certo sotaque zombeteiro, certo distanciamento irônico que não está de acordo em nada com o tipo de personagem que está no centro da temática. Lênin, sem dúvida o homem mais importante de nosso século, por sua grande altura histórica, merece um tom elevado e solene. E assim o compreenderam Maiakovsky e Huidobro, entre outros, que não eram precisamente personalidades solenizantes. Brecht mesmo em sua "Cantata" é breve e simplíssimo, mas comovedor, severo e profundo. Eu também sou inimigo da solenidade, esse trejeito burguês, mas creio que neste caso você teria que ter muito cuidado para não cair no desrespeito. Não esqueça que já concede você, de partida, uma grande vantagem polêmica: um poeta, a poesia, intervindo nestes assuntos de política explícita, direta, não é o mais, digamos... bem, você me entende.

O POETA: O assunto é mais complexo, não devemos ficar nas aparências. Vou defender uma tese, não original, certamente. Recorde que penso e falo do centro do ventre da baleia neocolonial. Eu, o poeta, sou neste caso e em geral, o colonizado e a voz do colonizado. O colonizado que durante





muitos anos assumiu como colonizadas inclusive a teoria e as práticas revolucionárias. Seria ir muito longe estabelecer um simples, ainda que rotundo feito histórico, assinalando que por tempo demais nos aproximamos de Lênin, chegamos até Lênin, com a cegueira do colonizado? Assim, em uma penumbra histórica duplamente esmagadora, a cultura do colonizador e a cultura revolucionária da humanidade mais avançada (a classe operária libertada) foi para nós carne e bocado de alienação, ainda que em distintos níveis. Isso, sem dizer que houve também uma corrente muito conhecida no campo revolucionário mundial, que cristalizou em dogmas o pensamento marxista-leninista. Na tarefa de busca de nossa identidade e de resgate das armas revolucionárias do arsenal da experiência histórica dos povos, os poetas colonizados-mas-em-processo-de-descolonização assumimos uma atitude social concreta e um tipo concreto de linguagem. Isso que você identifica por um "tom zombeteiro", por um "distanciamento irônico", é simplesmente o que alguém já chamou de linguagem crítica. Dentro dessa linguagem, as atitudes ao parecerem irreverentes não são uma bufonice a mais, uma "careta para agradar ao branco", são uma legítima arma de defesa objetivada nessa linguagem. Como alguém disse: "a ironia do colonizado dessacraliza os valores da cultura sobre-imposta (a do colonizador, a cultura revolucionária alienada pelo dogma e seus diferentes registros, etc) e a problematiza com seus mesmos elementos". Há, é certo, um problema de vencimento. É impossível falar junto a voz de Lênin sem que nossas palavras resultem apagadas. E quando essas palavras apagadas tendem ao tom polêmico, pelos efeitos visuais desse vencimento (a retina retém a imagem por uns segundos, etc), a impressão conspira um tanto contra nós.



Mas há mais. É evidente que seria impróprio entrar em uma polêmica em voz alta no interior de um mausoléu de Lênin. Porém, é mais impróprio, creio eu, tratar de converter todo o mundo em "zona sagrada" para evitar a aplicação viva e criadora da herança leninista através da discussão esclarecedora. Me explico?

UM LEITOR: Tanto quanto explicar-se, se explica... O que não sei é se você me convence. Mas tenho outra dúvida, desta vez com respeito à estrutura coerente do poema. Que diabos faz no seio do mesmo o camponês salvadorenho que fala das guerrilhas - sem poupar-se palavras grossas, por certo -, de uma hipotética luta armada na América Central? Nem sequer menciona o nome de Lênin...

O POETA: Bom, eu creio que esse camponês resume com suas palavras, que são as palavras do povo de meu país, as concepções mais gerais de Lênin sobre a guerra de guerrilhas e as relações deste fenômeno com o Partido. Esse camponês desenvolve simplesmente, em meu lugar, esse aspecto, básico para nós, do pensamento de Lênin...

UM LEITOR: Ah, mas então a questão é pior do que eu imaginava. Não estou de acordo de que o que disse esse camponês seja o pensamento de Lênin em nenhum aspecto. Você o que faz é nos trazer um Lênin pelos cabelos, por assim dizer. Você é um...

O POETA: Recorde que o que disse Lênin a respeito das guerrilhas e o que o camponês resume como uma opinião própria, deve-se conjugá-lo com uma realidade concreta, a de meu país. E com uma atualidade determinada. Mas se a





you lhe assusta o que disse o camponês, espero que não desmaie ao escutar as seguintes citações textuais de Lênin: "A questão das operações de guerrilha interessa vivamente a nosso Partido e a massa operária. As operações de guerrilha, se diz, desorganizam nosso trabalho... Que é o que desorganiza mais o movimento nessa época: a falta de resistência ou a luta organizada dos guerrilheiros? Não são as ações de guerrilha as que desorganizam o movimento, senão a debilidade do Partido que não sabe tomar em suas mãos a direção dessas ações. Nossas queixas contra a luta de guerrilhas são queixas contra a debilidade de nosso partido em matéria de insurreição... Em toda guerra, qualquer operação leva uma certa desordem às filas de combatentes. Disto não se pode deduzir que não se deve combater. Disto é preciso deduzir que é preciso aprender a combater. E nada mais... Quando vejo socialdemocratas que declaram com soberba e suficiência: nós não somos anarquistas nem ladrões, nem bandidos, estamos por cima de tudo isso, me pergunto: compreende esta gente o que diz? Em todo o país há encontros armados e conflitos entre governo arqui-reacionário e a população. É um fenômeno absolutamente inevitável na fase atual do desenvolvimento da revolução. Espontaneamente, sem organização - e precisamente por isso, em formas inclusive pouco afortunadas e más - a população reage também mediante colisões e ataques armados. Estou de acordo de que, a causa da debilidade ou da falta de preparação de nossa organização, podemos renunciar, em uma localidade e em um momento dado, ao colocar esta luta espontânea sob a direção do partido. Estou de acordo de que esta questão deve ser resolvida pelos militantes locais ativos, que a transformação de organizações débeis e pouco preparadas não é coisa fácil. Mas quando



veja a um teórico ou a um publicitário da socialdemocracia que, em lugar de estar envergonhado por esta falta de preparação, repita com orgulhosa suficiência e entusiasmo narcisista as frases aprendidas em sua primeira juventude sobre o anarquismo, o blanquismo e o terrorismo, me causa uma grande pena vê-lo rebaixar assim a doutrina mais revolucionária do mundo... Não se pode conceber esta guerra de outra maneira que como uma sucessão de grandes batalhas pouco numerosas, separadas por intervalos relativamente consideráveis e balizadas por uma multidão de pequenas escaramuças durante esses intervalos...". as citações poderiam se seguir aglomerando-se nessa direção. Sem tentar ir além das intenções de Lênin, creio que o correto seria analisar a situação concreta presenciada pelo camponês que falou, "situação concreta de um movimento dado, em um certo estado de seu desenvolvimento", à luz de toda a rica gama de possibilidades revolucionárias que concebe o trabalho de Lênin do qual se extraem as citações e que se chama precisamente "a guerra de guerrilhas".

UM LEITOR: Então, se encerra a discussão?

O POETA: Não. Agora é que se abre verdadeiramente...

1: Refere-se ao próprio "Un livro rojo para Lenin" (Um livro vermelho para Lênin), em que se encontra este próprio poema, livro no qual Dalton realiza uma bricolagem de textos seus e de outros, mesclando supostas notícias de jornal e textos teóricos.





AS FORMOSAS CAIXINHAS

Não nos negamos a nos auto-batizarmos
como marxistas-leninistas-maotsetungistas-hochiminhistas-
kimilsunguistas-fidelistas-guevaristas.

Apenas
pensamos em dar os primeiros passos.

Porém
que orgulho interior!,
que imensa alegria,
se amanhã,
algum dia,
aqueles que não tenham medo das palavras
nos qualificarem assim!



RETRATO (D)

(A idade de Lênin no aniversário de seu centenário)

Quando morreu tinha
54 anos de idade física.
E (unanimemente aceito como computável)
1924 anos de idade (sabedoria) mental.

Hoje (ainda que no mausoléu não aparente)
tem 100 anos de idade física.

E 1970 da outra.





EU QUERIA

Eu queria falar da vida de todos seus recantos
melodiosos eu queria juntar em um rio de palavras
os sonhos e os nomes do que não se diz
nos jornais as dores do solitário
surpreendido nos rodeios da chuva
resgatar as parábolas desfolhadas dos amantes e dar a vocês
ao pé das brincadeiras de uma criança
elaborando sua doce destruição cotidiana
eu queria pronunciar as sílabas do povo
os sons de sua angústia
assinalar por onde lhe bambeia o coração
dar a entender ao que só merece um tiro
pelas costas contar de meus próprios países
impor-lhes dos êxodos das grandes
emigrações que abriram todos os caminhos do mundo
do amor ainda do arrastado por aí
pelos aquedutos
falar pra vocês dos trens
de meu amigo que se matou com um punhal alheio
da história de todos os homens desgarrada
pela cegueira pelos arrecifes do mito
do século que acabarão meus três filhos homens
da língua do pássaro e a espuma furiosa
no estampido do grande quadrúpede
e queria falar-lhes da Revolução
e de Cuba e da União Soviética
e da moça que amo por seus olhos



de mínimo tormento
e de vossas vidas cheias de amanheceres
e de pessoas que perguntam quem o viu quem disse isso
como poderia fazer eu cheguei
antes que você
e de todas as coisas da natureza
e do coração e seus testemunhos
da última impressão digital antes do aniquilamento
dos animaizinhos e a ternura
queria sim dizer-lhes tudo isso e contar-lhes
muitas histórias que sei e que me contaram
ou que aprendi vivendo no grande dormitório da dor
e coisas que disseram outros poetas antes que eu
e que era bom que vocês soubessem

E não pude dar-lhes mais – porta fechada
da poesia–
que meu próprio cadáver decapitado na arena

México-Havana-San Salvador-Praga
1961-1965



ARTE POÉTICA

Poesia

Perdoa-me por haver te ajudado a compreender
que não estás feita só de palavras.





AMÉRICA LATINA

O poeta cara a cara com a lua
fuma sua margarida emocionante
bebe sua dose de palavras alheias
voa com seus pincéis de orvalho
arranha seu violãozinho pederasta

até que destroe o focinho
no áspero muro de um quartel.





CARTA A NAZIM HIKMET

I

Camarada Nazim:
esta manhã recordo sua casa em Peredélkino
parecendo o coração do bosque entre os pinheiros gigantes,
recordo sua ampla fraternidade de olhos antárticos,
a cristalinidade de sua poesia.

Conservo seus presentes: a colher
de madeira multicolor e o retrato de Lênin
e espero que a terrível cabeça de barro de Izalco
que deixei em suas mãos
lhe fale às vezes de meu pobre país
e de seu pão difícil.

Camarada Nazim: lhe escrevo
da vizinhança do sobressalto
daqui do Quinto Calabouço da Penitenciária Central
de El Salvador.

Não pude fazê-lo antes porque eu estava livre
e com a brincalhona e borbulhante liberdade a gente não
[pode
e elevar as palavras ao alto dos presos,
dos antigos presos que como o senhor indicaram a rota
para ver a prisão como um minúsculo passo de pedra mais
no caminho para merecer um pouco da futura liberdade de
[todos.



II

Me têm preso, camarada, há dezenove dias.
Os mesmos que com ácidos ferros candentes
marcam a rosa escura, o coração da sua pátria,
tomaram minha liberdade como um objeto simples
e me rodearam de ódio, sentinelas e muros
e me tiraram as andanças do ar,
as estrelas, as ruas, os olhos das moças,
a chuva franca destas latitudes
que nos busca a pele para encontrar o fogo.
E aqui estou: junto do pobre assassino contra sua vontade,
junto do ladrão e do estuprador e do equivocado,
compartilhando o lodo e o insulto nossos de cada dia,
entremesclando o hálito no clamor comum detrás das
[grades,
vendo passar os dias como andorinhas exaustas, de
[lastimáveis asas,
acusado de qualquer coisa por amar a esperança e defender
[a vida
e ter começado a ser homem de uma vez por todas,
rapidamente, como um mar revolto,
sem nem menos parar para inspecionar
o meu evidente orgulho pelo sucesso.

Quando sairei daqui? Isso não importa.
O que interessa é que apesar do ódio, da dor, da incerteza,
devemos seguir com a firmeza ao lado do coração,
sempre junto da luta, de frente para a esperança,
e alegres, muito alegres, muito alegres...





Perdoe a desordem de minha expressão e minhas ideias:
há um pouco de febre, um pouco de desvelo
entre minhas loucas mãos e o cérebro;
além disso o jornal
diz que há outros companheiros capturados...

Mando junto uns poemas destes últimos dias
em que falam os amigos de cela
(somente alguns deles, somos trezentos e vinte).
Mande um abraço ao Memet? E seu coração
é preciso cuidar muito dele.
Ainda mais agora que América
tem múltiplas portas para o senhor e seus versos.

Não quero tirar-lhe mais seu lindo tempo
- já se liquefez a neve em Moscou? -
e termino essas linhas com um abraço forte.

Até logo. Sigamos
içando a manhã.



POEMAS DA ÚLTIMA PRISÃO

I

De novo a prisão, fruta negra.

Nas ruas e nos quartos dos homens, alguém se queixará nesse momento do amor, fará música ou lerá as notícias de uma batalha ocorrida debaixo da noite da Ásia. Nos rios, os peixes cantarão sua incredulidade diante do mar, sonho impossível, demasiada felicidade. (Falo desses peixes na verdade aqueles azuis chamados Lirio-Negros, de cujas espinhas homens violentos e velozes extraem perfumes de grande permanência.)

E, em qualquer lugar, a última das coisas afundadas ou cravadas será menos prisioneira que eu.

(Claro que ter um pedaço de lápis e um papel –e a poesia– prova que algum vaidoso conceito universal, nascido para ser escrito com maiúscula –a Verdade, Deus, o Ignorado– me inundou desde um dia feliz, e que não caí –ao fazê-lo nesse poço escuro– senão em mãos da oportunidade para dar-lhe devida constância diante dos homens.

Preferiria, no entanto, um bom passeio pelo campo.
Mesmo que fosse sem cachorro.)

II

Preparar a próxima hora

Não queria pensar no destino. Por alguma razão
o associa a esquecidos tapetes de vergonha e majestade
onde um rosto impassível
(como o de Selassie)

luta para me impor uma marca eterna. Só o ar
absurdo de frio neste meu país-frigideira, aplaude





até chegar ao coração nesta hora. Oh assalto,
oh palavras que já não pronunciarei igualmente,
lugar de comissões para os avós que regressam.

Esta manhã o vigilante trouxe somente sobras
para mim –não sofreu, o pobre–
que com a névoa deram nome ao dia.

São pedaços mortos de sal de algum marisco morto,
tortillas de milho atacadas com essa velha fúria
sem mais lugares mornos para humilhar
restos de um arroz rude como de três porta-bandeiras
[soberbos
ocupados em perdoar vidas de cordeiros e cruas lógicas.

A parede está cheia de datas que carrego soçobran-
te, peças da fadiga final, nua, que gritam e que são piores
testemunhas de algo que nem minhas lágrimas apagariam
(o medo?).

Orei (sou Fausto), me dei beijos nas mãos
como se fosse um ancião disse a mim mesmo
fazendo quicar o hálito num canto gelado da cela:
«pobrezinho esquecido, pobrezinho,
com a maior parte da morte nas suas costas
enquanto em algum lugar do mundo alguém despe belas
[armas
ou canta hinos de rebelião que suas mulheres preferem às
[joias
você escuta marimbas de mel
depois de ser cuspidor por um déspota de província,
sente o rumor de suas unhas



crescendo contra a pele do sapato,
cheira mal (isso eu ampliarei em outra parte),
trata de encontrar um sinal que diga «viverás»
ainda que seja em uma borboleta ou um conjunto de
tempestades...»

Aleluia estrita, bem gritada diante das estrelas impossíveis,
que bela vem de súbito a cólera:
fio imenso, do tamanho da minha alma,
homenagem aos sacrificados sem belos pontos finais,
cólera, cólera, oh mãe preciosa, justa raiz da sede,
você chegou...

No pátio longe da luz do sol
será como uma gata branca. Estou por acaso pronto
para ver minha própria cara na próxima hora da água?
Sim. Vou pedir um cigarro.

VII

Sua Companhia

Quando anoitece e amornece
uma forma de paz se aproxima de mim,
é a sua lembrança pão de sementeira, fio místico,
com que minhas mãos quietas
são previsoras para meu coração.

Diriam: para o cego distante
que mais dará a espuma, o pó?
Mas é sua solidão a que povoa minhas noites,
quem não me deixa sozinho, a ponto de morrer
Somos de tal maneira multidão silenciosa...





VIII

Cheiro Mal

Tenho cheiro de cor de luto nesses dias
que as flores adoecem por seu preço
quando quem é pobre morre na seca
confiando que logo choverá.

Tenho cheiro de história de pequena catástrofe
tanto que foi possível ficar com os cadáveres
tenho cheiro de velha desordem feita fé
doutorada em respeito sua grande chama.

Tenho cheiro de longe do mar não me defendo
alguma coisa hei de morrer por tal cheiro
tenho cheiro de pêsame magro lhes dizia
de palidez de sombra de casa morta.

Tenho cheiro de suor do ferro a pó posto
para deslavar com a luz da lua
cheiro de osso abandonado perto do labirinto
debaixo das fumaças do amanhecer.

Tenho cheiro de um animal que só eu conheço
desfalecido sobre o veludo
tenho cheiro de desenho de criança fatal
de eternidade que ninguém buscaria

Tenho cheiro de quando já é tarde pra tudo.



IX

Má Notícia num Pedaco de Jornal

Hoje quando morrem meus amigos
só morrem seus nomes.

Como aspirar, daqui deste violento poço,
abarcas mais que as tipografias,
resplendor de negruras delicadas
flechas até as íntimas memórias?

Só quem vive fora das prisões
pode honrar os cadáveres, lavar-se
da dor de seus mortos com abraços,
rasgar com unha e lágrima as lápides.

Os presos não; somente assobiamos
para que o eco cale a notícia.



A ARTE DE MORRER

O outro: – O que o senhor quer saber é, de certo modo, a arte de morrer.

O homem: – Ao que parece é a única arte que temos que aprender hoje.

F. Durrenmatt

Pegue uma metralhadora de qualquer tipo
depois de oito ou mais anos acreditando na justiça

Mate durante as cerimônias comemorativas
do Primeiro Grito¹
os catorze jogadores bêbados que sem saber as regras
fizeram do país um desprezível tabuleiro de xadrez
mate o Embaixador Americano
deixando-lhe a posteriori um jasmim em um dos buracos da

[testa

fira primeiro nas pernas o Senhor Arcebispo
e o faça blasfemar antes de matá-lo
disperse os poros da pele de doze coronéis barrigudos
grite um viva o povo límpido quando os guardas mirarem
lembre-se dos olhos das crianças
do nome da única que existe
respire profundamente e principalmente procure
não deixar que caia a arma das mãos
quando o chão vier rapidamente até o rosto

1: Data comemorativa que marca o início do movimento pela independência de El Salvador.



POR QUE ESCREVEMOS

A gente faz versos e ama
a estranha risada das crianças,
o subsolo do homem
que nas cidades ácidas disfarça sua lenda,
a instauração da alegria
que profetiza a fumaça das fábricas.

A gente tem nas mãos um pequeno país,
horríveis datas,
mortos como facas exigentes,
bispos venenosos,
imensos jovens de pé
sem mais idade que a esperança,
rebeldes padeiras com mais poder que um lírio,
alfaiates como a vida,
páginas, namoradas,
esporádico pão, filhos doentes,
advogados traidores
netos da sentença e do que foram,
bodas desperdiçadas de impotente homem,
mãe, pupilas, pontes,
fotografias rasgadas e programas.

A gente vai morrer,
amanhã,
um ano,
um mês sem pétalas adormecidas;





dispersos vamos ficar embaixo da terra
e virão novos homens pedindo panoramas.

Perguntarão o que fomos,
quem com chamas puras os antecederam,
a quem maldizer com a lembrança.

Bem.

Isso fazemos:
custodiamos para eles o tempo que nos cabe.





À POESIA

Agradecido te saúdo poesia
porque hoje ao te encontrar
(na vida e nos livros)
você já não é somente para o deslumbramento
grande adereço da melancolia.

Hoje você também pode me tornar melhor
me ajudar a servir
nesta larga e dura luta do povo.

Agora você está em seu lugar:
não é mais a alternativa esplêndida
que me apartava de meu próprio lugar.

E continua sendo bela
companheira poesia
entre as belas armas reais que brilham debaixo do sol
entre minhas mãos ou sobre meus ombros.

Você continua brilhando
junto ao meu coração que não te traiu nunca
nas cidades e nos montes de meu país
de meu país que se levanta
desde a pequenez e do esquecimento
para finalizar sua velha pré-história
de dor e sangue.





POSFÁCIO

À ROQUE

Você chegou cedo ao bom humor
ao amor cantado
ao amor decantado

chegou cedo
ao rum fraterno
às revoluções

cada vez que te arrancavam do mundo
não havia calabouço que te caísse bem
você elevava a alma por entre os barrotes
e mal os barrotes se afrouxavam turvados
aproveitava para livrar o corpo

você usava a metáfora pé-de-cabra
para abrir os trincos e os ódios
com a urgência inconsolável de quem quer
regressar ao assombro dos livres

você tinha ojeriza ao proibido
à rasgação para papas e orquestra
ao dedo admoestador de algum colega isento
algum apócrifo bom samaritano
que da europa queria te ensinar
a ser um bom latinoamericano



você tinha ojeriza à pureza
porque sabia como somos impuros
como mesclamos sonhos e vigília
como nos pesam a razão e o risco

por sorte você era impuro
fugido de cárceres e armadilhas
não de responsabilidades e outros gozos
impuro como um poeta
que isso era
apesar de tantas outras coisas

agora recorro trama a trama
nossos muitos acordos
e também nossos poucos desacordos
e sinto que nos restam diálogos inconclusos
recíprocas perguntas nunca ditas
mal-entendidos e bem-entendidos
que não poderemos embaralhar de novo

mas tudo volta a adquirir seu sentido
se recordo teus olhos de garoto
que eram quase um abraço quase um dogma

o fato é que você chegou
cedo ao bom humor
ao amor cantando
ao amor decantado
ao rum fraterno
às revoluções





mas sobretudo chegou cedo
muito cedo
a uma morte que não era a tua
e que a esta altura não saberá que fazer com tanta vida.

(Mario Benedetti)





ROQUE

Roque Dalton, aluno de Miguel Mármol no ofício muito salvadorenho de ressuscitar, se salvou duas vezes de morrer fuzilado. Uma vez se salvou porque caiu o governo e outra vez se salvou porque caiu a parede, graças a um oportuno terremoto que permitiu que fugisse. Também se salvou dos torturadores, que o deixaram destroçado mas vivo, e dos policiais que o cobriram de balaços. E se salvou dos torcedores de futebol que o botavam pra correr a pauladas, e se salvou das fúrias de uma porca recém- parida e de numerosos maridos sedentos de vingança. Poeta profundo e brincalhão, preferia arriscar a pele a se levar a sério, e assim se salvou da solenidade, da grandiloquência e de outras doenças que gravemente acometem a poesia política latinoamericana. Não pode se salvar de seus companheiros. Com pena de morte castigaram sua discrepância, por ser a discrepância delito de alta traição. Dalton não se salvou da bala que veio do seu lado.

(Eduardo Galeano)

